

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Luana Marinho Campos

**A POTENCIALIDADE DA DANÇA NA INCLUSÃO DE ADOLESCENTES COM
DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Belo Horizonte
2023

Luana Marinho Campos

**A POTENCIALIDADE DA DANÇA NA INCLUSÃO DE ADOLESCENTES COM
DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Dança da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Anamaria Fernandes
Viana

Belo Horizonte
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

“A POTENCIALIDADE DA DANÇA NA INCLUSÃO DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA”

LUANA MARINHO CAMPOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 15/06/2023 pela banca constituída pelos membros:

Orientador(a): Anamaria Fernandes Viana

Examinador(a): Graziela Correa de Andrade

Belo Horizonte, 07 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Graziela Correa de Andrade, Professora do Magistério Superior**, em 07/07/2023, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Fernandes Viana, Professora do Magistério Superior**, em 10/07/2023, às 08:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2450102** e o código CRC **32E2DEDF**.

Referência: Processo nº 23072.241588/2023-14

SEI nº 2450102

AGRADECIMENTOS

A arte, pela jornada interminável de vivências e oportunidades em minha vida.

Aos meus pais, Marlene Marinho e Geraldo Campos, aos meus amigos e namorado, Luiz Arcanjo, que sempre estiveram ao meu lado, passando por todas as situações e momentos difíceis comigo, me apoiando e incentivando. Saibam que vocês tornaram tudo mais leve, pois eu sabia que poderia contar com vocês.

A minha orientadora, Anamaria Fernandes, por aceitar fazer parte da minha jornada, me aconselhando e me guiando de forma clara, objetiva e amigável.

A Universidade Federal de Minas Gerais e aos professores da Belas Artes, que tornaram possível a realização de um sonho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a potencialidade da dança no processo de inclusão de adolescentes com deficiência na Educação Básica. Como objetivos específicos, pretende-se discutir sobre como a dança pode contribuir com a construção da autoestima e liberdade de expressão através de um ensino que respeita a diferença e a importância da dança como uma arte possível para todas as pessoas. A metodologia utilizada é de caráter qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas sobre o assunto tratado e observação participante de aulas de dança ofertadas na Escola Casa Viva, situada em Belo Horizonte. A pesquisa mostra que a dança pode ser uma atividade inclusiva e acessível para adolescentes com deficiência, contribuindo para o seu desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social. No entanto, também foram identificados diversos desafios e carências que dificultam os processos inclusivos dentro do ambiente escolar. Percebemos que a inclusão é de suma importância para a qualidade de vida e para a construção de uma identidade pessoal e social sem estigma. Também nos parece fundamental a criação de políticas públicas que garantam a acessibilidade e inclusão desses estudantes no ambiente escolar.

Palavras-chave: Dança; Potencialidade; Inclusão;

ABSTRACT

This work aims to reflect on the potential of dance in the process of inclusion of children and adolescents with disabilities in Basic Education.

As specific objectives, it intends to discuss how dance can influence the construction of self-esteem and freedom of expression through teaching that respects the difference and importance of dance as a possible art for all people.

The methodology used is of a qualitative nature, through bibliographical research on the subject and participant observation of dance classes offered at Escola Casa Viva, located in Belo Horizonte. Research shows that dance can be an inclusive and accessible activity for children and adolescents with disabilities, contributing to their motor, cognitive, emotional and social development. However, several challenges and shortcomings that hinder inclusive processes within the school environment were also identified.

We realize that inclusion is of paramount importance for quality of life and for building a personal and social identity without stigma. It also seems fundamental to us to create public policies that guarantee the accessibility and inclusion of these students in the school environment.

Keywords: Dance; Potentiality; Inclusion.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	6
INTRODUÇÃO	7
1. A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	11
2. A DANÇA COMO POTENCIALIDADE	20
2.2. A potencialidade da Dança em relação às pessoas com deficiência	23
3. A DANÇA COMO POTENCIALIDADE PARA INCLUSÃO NA ESCOLA CASA VIVA EDUCAÇÃO E CULTURA	30
3.1 A escola Casa Viva Educação e Cultura	30
3.2 A dança na Casa Viva- Apontamentos das observações realizadas	36
3.3 A dança na perspectiva inclusiva	43
Considerações Finais	46
REFERÊNCIAS	49

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto tirada durante o Festival de Cultura Ciência e Arte.....	31
Figura 2 - Foto tirada durante o Festival de Cultura Ciência e Arte	31
Figura 3 - Foto tirada durante o Festival de Cultura Ciência e Arte.....	32
Figura 4 - Foto tirada na Festa da Família - “A casa é sua, a rua é nossa”.....	32
Figura 5 Espaço interno da escola Casa Viva.....	33
Figura 6 Espaço interno da escola Casa Viva.....	33
Figura 7 - Espaço interno da escola Casa Viva.....	33
Figura 8 - Sala destinada às aulas de dança da Escola Casa Viva.....	37
Figura 9 - Sala destinada às aulas de dança da Escola Casa Viva.....	37

Tabela 1 - Linha do Tempo- Organizações, Movimentos e Leis criadas para/por pessoas com deficiência	14
---	----

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir de observações e registros das aulas de um estágio realizado no projeto Dança e Potencialidades que acontecia no Centro Pedagógico (CP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019. Durante as aulas de dança que acompanhei neste projeto, composto por crianças com deficiência, pude observar como elas se sentiam mais acolhidas dentro do ambiente escolar. Observei também como o projeto proporcionava a integração entre as pessoas presentes dentro de sala.

Esse primeiro contato com pessoas com deficiência dentro da universidade, permitiu-me vivenciar as possibilidades e potencialidades que a dança carrega, seus caminhos de experimentação, aprendizado, acolhimento e inclusão. A partir dessas aulas, pude desconstruir minha visão sobre dança e entender que todo corpo pode ocupar e ser ocupado pelos espaços que a dança constrói, sem estigmas. Acredito que para um docente é extremamente necessário a desconstrução e reconstrução do que é Dança. Essa reflexão se fez presente desde o primeiro dia de acompanhamento do projeto, fazendo surgir questões e curiosidades que me levaram a pesquisar e vivenciar como a dança pode ser uma possibilidade de inclusão para todos.

Durante o percurso dentro da universidade, tive a oportunidade de acompanhar disciplinas, projetos e professoras que me auxiliaram em inúmeras reflexões durante a minha formação, apresentando também as dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam dentro da Educação Básica Brasileira. Isso fez com que o desejo de pesquisa na área da inclusão aumentasse, uma vez que acredito ser de extrema importância, no contexto da educação, a mudança de pensamento a respeito da dança e dos corpos presentes na sociedade. Como futura docente, gostaria de fazer parte desta mudança. Assim, devido às experiências vividas dentro da universidade e dentro de duas escolas, meu interesse por pesquisar sobre a inclusão de pessoas com deficiência implica no meu futuro fazer docente.

O percurso, ao longo da história, das pessoas com deficiência sempre foi penoso e objeto de muita luta. Ainda no final do século XIX, esses indivíduos eram negligenciados, abandonados e tratados como não aptos ao ensino pela sociedade brasileira. Fatores como esse, nos fazem perceber como ainda hoje algumas pessoas não possuem seus direitos garantidos em relação à educação, resultando na exclusão

de crianças, adolescentes e adultos que não se encaixam no padrão definido como “normal” pela sociedade.

Poderia a dança contribuir, de alguma forma para uma educação inclusiva?

Segundo Santos e Figueiredo (2002-2003), é possível perceber que a Dança pode ser acessível a todas as pessoas e contribuir para novas vivências, onde o estudante pode trabalhar sua expressividade e criatividade em aulas. Além de ser uma área de conhecimento, com suas distintas estéticas, a dança também pode ter diferentes objetivos para o indivíduo, podendo ser um hobby, parte de uma terapia específica e também um auxílio na inclusão, pois:

Ensinar e aprender a dança é vivenciar, criar, expressar, brincar com o próprio corpo; é deixar-se levar pela descoberta de inimagináveis movimentos, é descobrir no corpo que o que é certo pode estar errado e o que é errado pode estar certo. (SANTOS e FIGUEIREDO, 2002-2003. p. 109)

Após a observação de algumas aulas de dança na escola Casa Viva Educação e Cultura¹, pude perceber como a Arte pode influenciar no comportamento social dos adolescentes. Durante o acompanhamento, notei que, se trabalhada com respeito pelo corpo do outro e com a escuta voltada para as especificidades de cada um, a dança pode proporcionar a transformação do indivíduo, o senso crítico, o entendimento da importância da alteridade, um espaço onde a pessoa se sente à vontade para compartilhar e dançar com outros colegas.

Acredito que as potencialidades das pessoas com deficiência devam ser percebidas em suas singularidades, de forma que suas capacidades e criatividade, não sejam negligenciadas ou tratadas como menos importantes, assim como qualquer outro estudante, como afirmam Santos e Figueiredo (2002-2003):

Alguns princípios são necessários, entre eles, a busca pela capacidade de expressar, de verbalizar ou atuar de forma crítica e criativa, sem que nenhuma das potencialidades humanas seja negligenciada ou induzida à submissão. (SANTOS e FIGUEIREDO, 2002-2003. p.108)

Entendemos então que a educação não é somente conhecimento teórico, mas sim de um contexto maior, onde o indivíduo aprende a conviver em sociedade, entendendo que todos devem possuir os mesmos direitos e ser tratados igualmente.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de carácter qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas sobre o assunto tratado e observação participante de aulas

¹Acesso em: 17/06/2023

de dança, que se trata de uma técnica de investigação social em que o observador partilha as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas.

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. (GUERRA, 2014, p.11)

A pesquisa de campo se deu através do acompanhamento das aulas de dança ministradas pela professora Graziela Correa de Andrade, na Escola Casa Viva. Durante as aulas, pude participar ativamente, dando opiniões, compartilhando sensações e percepções. Essas aulas de dança fazem parte do Projeto de extensão Arte e Diferença, desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais desde 2017, que tem como objetivo a realização de oficinas artísticas com jovens e adultos com e sem deficiência. O Projeto tem como princípios norteadores a acessibilidade, a ludicidade, a autoralidade, articulação entre o singular e o coletivo, curiosidade pelo outro, evidenciando o entrelaçamento desses princípios ao percurso de trabalho proposto.

O Arte e Diferença busca, por meio de suas diversas ações, fomentar a existência de um entrelugar, um território não hierárquico, que marca e une espaços e intervalos de experiências singulares, advindas de todas as pessoas envolvidas, sejam elas coordenadoras, estudantes ou pessoas beneficiadas. (VIANA e RAHME, 2019, p.44)

O objetivo central deste trabalho é refletir sobre a potencialidade da dança no processo de inclusão de adolescentes com deficiência na Educação Básica.

Como objetivos específicos, o trabalho pretende refletir sobre como a dança pode influenciar na construção da autoestima e liberdade de expressão através de um ensino que respeita a diferença e a importância da dança como uma arte possível para todas as pessoas.

Os autores pesquisados para o tema escolhido partiram de algumas disciplinas ofertadas no curso de Dança pela professora Anamaria Fernandes Viana, onde a questão da inclusão de pessoas com deficiência dentro da sociedade é abordada. A partir de textos apresentados nas bibliografias básicas e complementares dessas disciplinas, a busca por outros artigos e livros se tornou frequente, tanto pela ferramenta do Google Acadêmico, quanto por livros sugeridos pela própria professora.

Autoras como Ida Mara Freire (1999), Marly Meira (2010), Silvia Pillotto (2010), Raul Martins (2019), Nilson Pinto (2019), Patrícia Lima (2019), Valéria Figueiredo

(2003), Rosirene Santos (2003) e Mônica Kassar (2012), apontam estudos sobre as desigualdades e dificuldades que esses estudantes possuem dentro da escola e dialogam sobre como buscar uma melhoria para que esses acessos possam ser possíveis. Descrevem sobre a inclusão social através de metodologias mais sensibilizadas em um sentido de cuidado maior com o que a pessoa com deficiência pensa, sente e faz. A escolha de utilizá-las como referência teórica parte dessa sensibilização, que encontramos a todo momento dentro da dança.

Na obra Medo e Ousadia, Paulo Freire (1986) aborda sobre a importância fundamental dos professores, já que aponta a educação como um ato político e transformador, o que nos leva a pensar sobre a formação e preparação do mesmo para atuar dentro de sala. Como o professor lida com a inclusão é um fator importante dentro deste tema, uma vez que ele também fará parte da construção social e educacional desses estudantes.

Assim, o assunto em questão se torna indispensável, considerando que toda construção social parte de quem habita nossa sociedade e como afirma Nelson Mandela: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” (MANDELA, 2003).

Este trabalho será apresentado em três capítulos, onde o primeiro aborda um pouco da história e da luta de pessoas com deficiência dentro da educação e da sociedade, colocando em pauta também como a acessibilidade e a inclusão dialogam com a educação brasileira. No segundo capítulo abordaremos sobre como o conceito e entendimento da Dança Contemporânea pode ser uma potencialidade na inclusão dentro da educação. Por fim, no terceiro e último capítulo, serão apresentados os dados e as informações colhidas durante a observação qualitativa das aulas de dança que aconteceram na Escola Casa Viva Educação e Cultura, relacionando como a mesma pode influenciar e ser potencializadora na inclusão de pessoas com deficiência.

1. A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO

Segundo a Lei Federal de nº 9.394², podemos dizer que a definição de educação se baseia em uma prática social que busca o desenvolvimento do ser humano, com suas potencialidades e competências que mudam de objetivo de acordo com cada cultura. Assim, ela se torna a base da nossa sociedade, visando a formação de seres pensantes, críticos e curiosos.

Algo que fica claro em relação à história da educação³ no Brasil, é o fato de que a educação era acessível principalmente para pessoas que possuíam um alto poder aquisitivo e crianças do sexo masculino. Sendo assim, a segregação dentro do ensino do nosso país se mostrou presente, como podemos observar na citação abaixo:

Os primeiros educadores brasileiros podem ser considerados os padres jesuítas, que chegaram ao país em 1549. Eles tinham a missão de catequizar os povos nativos e propagar a fé cristã no novo território do reinado português. Na época, a educação era restrita às crianças do sexo masculino. Por quase dois séculos, os padres jesuítas ensinavam aos locais como contar, ler e escrever, sendo responsáveis pelos primeiros colégios do país. (EQUIPE REDE OMNIA, 2022.)⁴

Basicamente as escolas foram criadas pelos jesuítas após a vinda dos portugueses ao Brasil, quando a educação era utilizada para a catequização dos povos indígenas, começando, assim, o sistema de educação brasileiro.

No entanto, em 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal. Por consequência, os jesuítas que estavam no Brasil também precisaram sair, o que impactou a educação que era ministrada no Brasil nesse período. Até o fim do século XVII, o país ficou totalmente abandonado do ponto de vista educacional. Essa situação só se alteraria a partir de 1808, ano da chegada da Família Real portuguesa no Rio de Janeiro. (EQUIPE REDE OMNIA, 2022.)

Com a chegada da Família Real, foram criadas as primeiras instituições culturais e científicas, juntamente com cursos técnicos e de ensino superior, buscando

² Aqui, refere-se sobre a história da educação a partir de uma visão eurocêntrica e entende-se que outros meios de educação (oralidade, saberes tradicionais, etc.) sempre existiram.

<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/a-historia-da-educacao-no-brasil-em-fatos-e-datas.htm>. Acessado em: 03/10/2022

³ <https://www.apaees.org.br/noticias/detalhe/atendimento-educacional-especializado-complementa-escola-regular>

⁴ Acesso em: 23/10/2022

atender a elite local que demandava a capacitação de pessoas. E assim, em 1827, foi criada a primeira lei com a sugestão de criar as escolas de ensino básico nas cidades brasileiras, que ficou conhecida como a Lei Áurea da Educação Básica.

Em 1988, com a Constituição Brasileira, o ensino fundamental foi expandido tornando-se obrigatório, tentando extinguir o analfabetismo da população. Ainda que a expansão da educação tenha sido grande, seu alcance chega apenas a uma parcela da sociedade, e isso em razão de problemas como a desigualdade regional, racial e financeira, falta de infraestrutura, etc.

Ao longo dos anos, ocorreu uma diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil, porém as questões citadas acima, ainda contribuem para que ela seja considerada alta em nosso país. Em 2020 foram divulgados dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD) que apontam que a taxa de analfabetismo em pessoas acima de 15 anos, diminuiu em 0,2% do ano de 2016 para 2018, ficando assim, em 6,6%.

Percebemos que a educação no Brasil sempre possuiu segregações diversas, que foram vivenciadas por mulheres, negros e pessoas com deficiência. Foi então que, na Constituição de 1988, houve a declaração do direito à educação para todos, em seu Artigo 208, que diz que o Estado tem o dever de cumprir o atendimento especializado para pessoas com deficiência.

As primeiras organizações e instituições voltadas para pessoas com deficiência começaram a surgir durante a época do Império, quando, em 1854, foi fundado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos e, em 1856, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Durante esse período, somente surdos e cegos eram abarcados nessas instituições e esse atendimento se dava somente na capital do Império.

Dentro do período de criação de instituições, surgiu um nome muito importante para a história de Minas Gerais, que foi Helena Antipoff, criadora da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (SPMG) no ano de 1932 em Belo Horizonte. Antipoff foi uma psicóloga russa que se formou na Europa e foi responsável por acolher crianças com deficiência em sua instituição, que tinha, como objetivo, oferecer seminários, cursos, estudos que tivessem relação com o ensino/educação de crianças com deficiência.

No ano de 1955, criou-se a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)⁵, que se deu pelo alinhamento e união entre os pais, amigos e médicos de pessoas com deficiência. A APAE é uma sociedade civil, filantrópica, de caráter educacional, assistencial e cultural. É extremamente importante para a qualidade de vida da pessoa com deficiência e também para quem convive com a mesma, já que favorece sua educação, a convivência com outras pessoas e reforça a independência dos integrantes. Se torna um suporte onde a pessoa reconhece seus direitos e também abre oportunidades para o mercado de trabalho.

A partir dos anos de 1970 e 1980, os movimentos sociais de pessoas com deficiência começam a tomar proporções maiores. Segundo Ramos e Furtado (2022), esse período também recebe o nome de “Fase Heróica”, que retrata a busca pelo reconhecimento dos direitos dos grupos discriminados pela sociedade. Esses movimentos ganham visibilidade a partir de manifestações sobre os espaços em que aquelas pessoas desejavam estar e atuar, participando de decisões que cabiam a elas e diziam sobre elas. Tendo como marco o lema “Nada sobre Nós sem Nós”, devido a participação direta nas lutas que lhes diziam respeito, buscaram ser protagonistas e escritores da própria história.

No ano de 1994, nosso país participou da Conferência Mundial sobre Educação Especial, na Espanha, onde produziu-se a Declaração de Salamanca, que transpõe as concepções, práticas e políticas no campo da educação especial. Essa declaração garante a educação de pessoas com deficiência dentro do sistema educacional.

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola. (UNESCO, 1994, p.11).

Desta forma, é importante pensar na relevância de uma gestão escolar que garanta os direitos das pessoas, o acolhimento do aluno em todos os aspectos, ou seja, que contemple as acessibilidades:

⁵ Disponível em:

<https://www.unoesc.edu.br/atendimento/definicao#:~:text=1..impulsiona%20a%20remo%C3%A7%C3%A3o%20de%20barreiras>. Data acesso: 15/03/2022

Arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceito estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SAKASSI, 2009, p. 1).

Segundo o Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), criado em junho de 1999, veio com o objetivo de admitir e avaliar a política nacional para inclusão da pessoa com deficiência, juntamente com as políticas de saúde, educação, lazer, cultura, transporte e etc. Evidencia-se também pelo critério de aprovar os planos e programas da administração pública federal direta e indireta, controlar a implantação da Política Nacional para Inclusão da Pessoa com Deficiência; supervisionar o planejamento e avaliar a execução das políticas setoriais relativas à pessoa com deficiência; monitorar a elaboração e a execução da proposta orçamentária; acompanhar o desempenho dos programas e projetos da política nacional.

A partir de todas as leis e organizações citadas acima, em 2015 foi sancionada no Brasil a Lei Brasileira de Inclusão, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Ela tem como objetivo assegurar normas que promovem as igualdades de condições e os direitos dessas pessoas visando a inclusão social e a cidadania. Essa Lei teve como base a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2007) juntamente com o art. 5º da Constituição Federal de 1988.

O quadro abaixo apresenta em quais anos aconteceram algumas implementações de instituições e organizações que regem as pessoas com deficiência:

Tabela 1 – Linha do Tempo- Organizações, Movimentos e Leis criadas para/por pessoas com deficiência

Ano	Implantação
1854	Imperial Instituto dos Meninos Cegos
1856	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
1932	Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (SPMG)

1955	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)
1970/1980	Movimentos Sociais- Nada sobre Nós sem Nós
1994	Declaração de Salamanca
1999	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade)
2015	Lei Brasileira de Inclusão

A inclusão vem se tornando um movimento com pautas importantes dentro da educação, gerando a mobilização de vários estudiosos para que o ensino possa se tornar acessível a todas as pessoas, sendo assim, o papel da escola dentro desse processo se torna imprescindível, uma vez que a mesma abrange inúmeras diversidades, assim como afirmam Santos e Figueiredo (2002 - 2003):

Em síntese, podemos nos arriscar a dizer que a inclusão é um processo emergente e cabe à escola, ao estado e à sociedade buscar novas formas de encarar a realidade e transformá-la de maneira consciente (SANTOS e FIGUEIREDO, 2002 – 2003, p.114).

Entendemos que, além da falta de inclusão, existem outros problemas que atingem a educação brasileira e que isso pode se tornar um empecilho para que todas as pessoas se sintam abarcadas pela instituição onde estudam, portanto, o processo de inclusão torna-se uma proposta onde todos possam ser acolhidos:

Segundo Mazzota (1998), para que a educação inclusiva de fato aconteça, o fundamental é que ela se firme como espaço privilegiado das relações sociais para todos, não ignorando, portanto, aqueles que apresentem necessidades educacionais especiais. Em outros termos, acolhendo crianças com deficiências e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e crianças que trabalham. (SANTOS e FIGUEIREDO, 2002-2003; p.114).

Devido a certos tratamentos segregacionistas que as pessoas com deficiência recebiam, a sociedade construiu um espaço normativo onde somente as pessoas ditas “normais” eram consideradas dignas para a convivência em sociedade. Infelizmente, ainda vemos um reflexo disso na atualidade, já que essas pessoas sofreram tais exclusões. Um exemplo disso, são os dados revelados no ano de 2021,

onde a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS)⁶ junto ao IBGE, nos apresenta o tamanho da lacuna educacional que existe entre as pessoas com deficiência no Brasil, posto que, 67% destas pessoas não possuem instrução alguma ou tem apenas o ensino fundamental incompleto. Assim, podemos perceber que o Brasil ainda não é um exemplo quando se diz respeito à educação, visto que, somado aos dados colocados acima, 30% das pessoas sem deficiência não possuem instrução alguma ou tem apenas o ensino fundamental incompleto, sendo essa uma porcentagem também significativa.

A ideia da inclusão também parte do pressuposto de que todos se sintam representados, tanto na sala de aula quanto fora dela. Sendo assim, a ocupação de diversos espaços, cargos e funções feitas por pessoas com deficiência traz a representatividade de modo geral para a sociedade. Com isso, a inclusão também torna possível que as oportunidades sejam mais igualitárias.

Não se trata da mudança para que somente uma pessoa possa se sentir incluída, mas sim de uma mudança onde todas se reconheçam e se sintam capazes na atividade/conteúdo proposto pelos professores.

(...)percebe-se que um dos principais objetivos da escola inclusiva é reduzir a exclusão social através dos seus mecanismos, oferecendo uma educação de qualidade a todos, transformando cada vez mais a realidade da comunidade ao seu redor. É nesta perspectiva, portanto, que se situa a modalidade Educação Especial, que dentro de um contexto de sociedade inclusiva busca organizar ambientes favoráveis para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconheçam, compreendam e valorize os diferentes ritmos de aprendizagem dos sujeitos, que se expressam de maneira singular devido a fatores biológicos, culturais e socioeconômicos, exigindo do professor, a necessidade de envolver a todos no processo ensino aprendizagem. (OLIVEIRA e LIMA, 2016, p. 61).

Outro ponto que deve ser tratado dentro da educação inclusiva é a formação de profissionais capacitados para atender essas pessoas de acordo com suas necessidades específicas. Sabemos que a realidade da educação é diferente na teoria e na prática, já que em uma sala é praticamente impossível voltar a atenção para cada aluno a todo minuto e isso pode se tornar um fator complicador na inclusão, tendo em

⁶ Fontes:

<https://censo2010.ibge.gov.br/>

<http://pne.mec.gov.br/>

<https://www.gov.br/inep/pt-br>

Acesso em: 27/10/2022

<https://www.ipub.ufrrj.br/wp-content/uploads/2020/03/cadernos-ipub1-parte3ligiaeeester.pdf>

Acesso em: 22/10/2022

vista as demandas da escola, e os prazos pré-determinados dos conteúdos a serem ofertados. Entendemos que cada indivíduo possui seu tempo e método de aprendizagem e para que isso não se torne um problema dentro de sala, se faz necessário discutir possibilidades de inclusão onde todas consigam chegar em seus objetivos em conjunto.

Dentro das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, segundo o Art. 24, V-a, a avaliação dos estudantes deve ser: “contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (...)”. No entanto, nota-se que na Educação Básica dificilmente a avaliação é feita de forma qualitativa, de forma a visar as particularidades de cada indivíduo, já que as provas e atividades são realizadas no intuito de acumulação de pontos com propostas semelhantes para todos os estudantes. A avaliação inclusiva deve ser realizada com atenção em relação às adaptações no currículo e às necessidades dos estudantes, que podem mudar de acordo com suas limitações, assim como afirmam os novos meios de avaliações mencionadas nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica:

No decorrer do processo educativo deverá ser realizada uma avaliação pedagógica dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, objetivando identificar barreiras que estejam impedindo ou dificultando o processo educativo em suas múltiplas dimensões.

Essa avaliação deverá levar em consideração todas as variáveis: as que incidem na aprendizagem com cunho individual; as que incidem no ensino, como as condições da escola e da prática docente; as que inspiram diretrizes gerais da educação, bem como as relações que se estabelecem entre todas elas.

Sob esse enfoque, ao contrário do modelo clínico tradicional e classificatório, a ênfase recai no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno, bem como na melhoria da instituição escolar. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001, p. 34).

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 2/01, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, o serviço de apoio pedagógico para o indivíduo com deficiência no ambiente escolar se torna presente. O papel do serviço de apoio se divide em:

- Os profissionais de apoio às atividades de locomoção, higiene, alimentação prestam auxílio individualizado aos estudantes que não realizam essas atividades com independência. Esse apoio ocorre conforme as especificidades apresentadas pelo estudante, relacionadas à sua condição de funcionalidade e não à condição de deficiência;

- A demanda de um profissional de apoio se justifica quando a necessidade específica do estudante público-alvo da Educação Especial não for atendida no contexto geral dos cuidados disponibilizados aos demais estudantes;
- Em caso de educando que requer um profissional “acompanhante” em razão de histórico segregado, cabe à escola favorecer o desenvolvimento dos processos pessoais e sociais para a autonomia, avaliando juntamente com a família a possibilidade gradativa de retirar esse profissional;
- Não é atribuição do profissional de apoio desenvolver atividades educacionais diferenciadas ao aluno público-alvo da Educação Especial nem responsabilizar-se pelo ensino desse aluno;
- O profissional de apoio deve atuar de forma articulada com os professores do aluno público-alvo da Educação Especial da sala de aula comum e da sala de recursos multifuncionais, entre outros profissionais no contexto da escola;
- Os demais profissionais de apoio que atuam no âmbito geral da escola, como auxiliar na Educação Infantil, nas atividades de pátio, na segurança e na alimentação, entre outras atividades, devem ser orientados quanto à observação para colaborar no atendimento às necessidades educacionais específicas dos estudantes (BRASIL, 2010).

O apoio é realizado por pessoas que são responsáveis pelo acompanhamento, explicação, orientação e auxílio aos estudantes da educação básica que necessitam de auxílio. O objetivo desse monitoramento é ajudar a quebrar as barreiras que os alunos com deficiência enfrentam diariamente nas escolas que, se não seguidas e superadas, podem limitar ou até impedir o acesso ao conhecimento e a participação nos espaços acadêmicos.

A Nota Técnica nº 19/10, se baseia em definir as funções e atividades que o profissional de apoio deve realizar junto ao indivíduo que o acompanha. Não é citada no documento uma formação necessária para esses profissionais. Assim, ele desempenha funções importantes que variam de acordo com a legislação local, políticas da escola e necessidade dos estudantes.

Observa-se que o profissional de apoio dentro de sala de aula é necessário no que diz respeito ao cuidado e atenção para com a criança e com o adolescente, porém isso não pode se tornar uma forma de segregação. Muitas vezes, o papel desse profissional pode ser confundido com o de um professor, mas na realidade, ele está ali como um facilitador, sendo assim, o estudante acompanhado não deve realizar atividades em grupo de forma individual só por ter a presença de alguém que o apoie, nem deve ser deixado de lado pelo professor, pois o mesmo ainda possui a responsabilidade de educação para com o estudante, uma vez que essas atitudes não condizem com a inclusão.

Podemos concluir que, de acordo com a história, os direitos e leis relacionadas às pessoas com deficiência vêm ganhando espaço dentro dos meios sociais, o que

não passa de uma obrigatoriedade a ser fornecida pelo governo, posto que, por mais que essas pessoas sempre fizeram parte da sociedade, sempre viveram processos de exclusões por parte da mesma. Não há dúvida de que viver dentro de uma sociedade segregacionista, sem direitos e leis que lhe guardem, é algo extremamente penoso. Cabe então pensar na acessibilidade, na inclusão e na importância dos contatos mistos na educação básica, pois trata-se da formação de indivíduos que futuramente ocuparão o mercado de trabalho, se tornando futuros arquitetos, médicos, professores, artistas etc. As crianças e adolescentes de hoje são o futuro do nosso país, são elas quem irão lidar com a questão da diferença, pois ela faz parte da nossa vida, da nossa humanidade. Caso essa inclusão não seja realizada de maneira eficaz dentro da escola, outras pessoas com deficiência estão sujeitas a sofrer processos de exclusão, já que esse aprendizado não foi realizado por parte das pessoas consideradas “normais”. Por isso a importância de tratar desta questão no ambiente escolar, uma vez que a formação escolar pode evitar que a segregação aconteça tanto no presente quanto no futuro dessas pessoas. Se faz então necessário a existência de uma educação qualitativa, para que a sociedade possa crescer a partir de pessoas pensantes e questionadoras.

Acredito ser dever de todo docente e futuro docente pautar e estudar a questão da inclusão durante sua formação, uma vez que tais profissionais ou futuros profissionais lidam o tempo todo com diferentes pessoas, além de serem responsáveis pela formação de indivíduos que convivem em sociedade, automaticamente convivendo com a diferença.

A partir das reflexões e levantamentos realizados neste capítulo, podemos perceber que a inclusão se faz totalmente necessária, tanto dentro da educação, quanto fora dela. Com isso, pautamos no capítulo a seguir, como a dança pode ser uma potencializadora quando se diz respeito à inclusão.

2. A DANÇA COMO POTENCIALIDADE

Este capítulo é dividido em dois tópicos. No primeiro, apresenta-se alguns desafios, benefícios e a importância da dança na escola e no segundo, as potencialidades da dança em processos inclusivos.

Relaciona-se brevemente o conceito de dança contemporânea à inclusão, já que as aulas observadas nos dois contextos tinham este conceito contemporâneo como base estruturante para construção das propostas.

2.1. A dança na escola

Observa-se, na Educação Básica brasileira, que o ensino da dança ainda é um desafio quando se trata das políticas educacionais, uma vez que raramente é reconhecida como área de conhecimento.

Como afirma Bezerra (2017), desde o século XIX, o ensino da arte busca a efetividade no currículo escolar, mostrando-se presente e sofrendo mudanças de acordo com a condição social e política de cada período, tornando-se de fato vigente na educação em 1970. O objetivo inicial do ensino de arte era a profissionalização, sendo assim, o resultado final do processo era o foco dos artistas e não o processo artístico e os caminhos percorridos até ali, sendo assim: “Nesse momento, a arte incorpora o cenário educacional como uma “atividade educativa”, e não disciplina.” (BERNARDES; OLIVÉRIO; 2011. p.27)

Segundo Fonseca e Arriada (2019), a arte foi de fato incorporada no currículo escolar no ano de 1971, pela LDB 5692/71. A partir disso, segundo os autores citados acima, o contexto histórico da Ditadura Militar (1971 - 1985) não contribuiu muito em relação à implementação da mesma no currículo escolar, uma vez que a censura se mostrava presente na época. Assim, a maioria dos estudantes desse período tiveram acesso a um ensino de artes onde a liberdade para a produção artística já não era a mesma.

A arte pode ser considerada um dos meios mais importantes de expressão, na qual o indivíduo pode trabalhar a liberdade de pensamento. Por isso, torna-se um embate se considerarmos que a inclusão da mesma se deu no contexto da Ditadura Militar.

Em 1973, surge o curso de Licenciatura em Educação Artística com duração de 2 anos, o que não era suficiente para o aprendizado e atuação dos professores.

No ano de 2016, a Lei 13.278/16, sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, coloca as disciplinas de Dança, Música e Teatro como obrigatórias na Educação Básica. Porém, podemos perceber que mesmo o ensino de dança sendo aprovado como disciplina obrigatória, ainda é difícil encontrarmos uma escola que a coloque como matéria da grade curricular dos estudantes. Dentro da maioria das escolas, é de costume encontrarmos as artes plásticas como principal conteúdo abordado pelos professores nas aulas. Isso pode se tornar um problema se pensarmos que os outros campos das artes não são acessados da mesma forma pelos estudantes. Esse fator se dá devido a uma série de problemas existentes na educação brasileira, como falta de infraestrutura, profissionais sem especialização, entre outros fatores dificultadores.

A abordagem da dança dentro da escola deve ser realizada por um professor formado na área de conhecimento, uma vez que a mesma abrange inúmeros aspectos que são abordados durante sua trajetória de formação. Isso também faz com que a valorização da arte e da dança cresça, já que o respeito pela área começa a partir do reconhecimento da necessidade de um profissional qualificado e formado. Deve-se entender que a dança não se reduz a apresentações, podendo fazer parte do dia a dia de um indivíduo e ser, para ele, a porta de entrada para o desenvolvimento da sua criatividade, expressividade, auto aceitação, etc.

Dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança, que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. É preciso que cada um de nós, ao sair de um espetáculo de dança que o tenha entusiasmado, se debruce sobre esse problema e o encare em nível da existência e não apenas no do espetáculo, transpondo desse modo a satisfação interior para o plano da participação duradoura. O lugar da dança é nas casas, nas ruas, na vida. (BÉJART, *apud* GARAUDY, 1980, p. 10)

O ensino de dança está ligado à expressão, à descoberta de movimentos, à vivência e à criação. No que tange a dança erudita, a partir da pós-modernidade, podemos observar a ruptura dos conceitos de certo e errado, belo e feio, o que vem proporcionando, desde então, outras possibilidades de criação, transmissão e fruição.

Essa nova visão sobre dança está ligada ao conceito de dança contemporânea que perpassa um lugar de despertar no indivíduo sua criatividade, expressividade, liberdade, autonomia, consciência corporal, reconhecimento do espaço e também considerando a experiência individual e coletiva.

Uma característica marcante que o conceito de dança contemporânea carrega consigo é a não padronização dos corpos e por esse fator, começou a ser praticada também por pessoas que não possuíam formação em dança.

O fato da não padronização de corpos estar presente no entendimento de Dança Contemporânea, abre espaço para que todos possam experimentá-la e vivenciá-la. Isso traz um novo conceito de dança para a sociedade, onde a mesma pode se tornar acessível para todos, podendo ser também uma potencialidade para a inclusão de pessoas com deficiência, já que a possibilidade de explorar o desconhecido, as potencialidades de cada indivíduo e suas diversas formas de expressão, estão presentes dentro deste conceito de dança. Assim, a experimentação se torna um meio de vivenciar essas potencialidades, já que a partir dela, pode-se descobrir novas formas de expressão, assim como afirmam:

Na esteira desta compreensão acreditamos que a dança por ser uma manifestação humana, todos os corpos podem descobrir sua dança, (re)descobrir uma linguagem e aumentar seu vocabulário de movimento, descobrir seu potencial expressivo e o potencial do outro que está ao seu lado que também é singular, apenas desta forma conseguir dançar as diferenças e encontrar um caminho estético pautada na pesquisa de movimento, na qualidade deste movimento, no que se refere a tempo, espaço, energia e fluência (LABAN, 1978), além das trocas e dos diálogos corporais que mais uma vez celebravam a diversidade de forma podendo ser uma potencialidade para inclusão de pessoas com deficiência. (SILVA; PITA; FALEIRO; GALDINO; OLIVEIRA; RODRIGUES; SOUZA; PAIVA; LIMA, 2010. p.172)

Assim, como afirma Louppe (2012), a ideia de “um corpo perfeito para se dançar” é abandonada nessa perspectiva de dança, o corpo deve ser observado como uma das ferramentas da percepção humana, pois a Dança Contemporânea nasce através de dançarinos que encontraram a dança e o corpo que dança. Esse encontro carrega consigo um olhar para dilemas específicos, o que rompe a estética corporal que predominava na dança dos corpos ocidentais. Louppe (2012) defende ainda que a dança contemporânea é fundadora de uma nova forma de criação artística, que não só muda a relação entre os artistas e a sua obra, como também muda a forma que o mundo pensa a dança e seus olhares, sua sutileza e sensibilidade.

Vale também dizer que a dança envolve a subjetividade da recepção, uma vez que a mesma pode provocar percepções e sentimentos diferentes para cada pessoa que a vivencia. Isso envolve a percepção de dança que a pessoa possui, então, a ideia de belo, feio, bom e ruim estão ligados à cultura a qual cada um pertence. Neste sentido, o processo vem sendo cada vez mais considerado importante e valioso para

aquele corpo que descobre a dança, fazendo com que a visão sobre o que é belo se expanda.

Muitas vezes, a dança na escola faz parte de um tópico da matéria de educação física, sem atenção ao processo investigativo do sujeito. Uma matéria onde, nas vésperas de festas comemorativas, como festa junina e dia das mães, os professores apresentam para os convidados uma coreografia já levada pronta aos estudantes, que não fazem parte do processo de criação. Outras vezes, a dança é abordada nas aulas de artes, nas quais o professor apresenta um conteúdo teórico baseado na história da dança, ou um vídeo sobre alguma modalidade específica.

Segundo Meier e Kaufmann (2004), a dança como processo educativo não procura apenas adquirir habilidades, mas também ajuda o indivíduo a trabalhar sua autoestima, o que pode resultar na interação e sociabilidade, fazendo com que o indivíduo desenvolva uma identidade própria e sua relação com o mundo. Além de facilitar o processo de construção do conhecimento, a possibilidade que a dança pode carregar como parte prática de ensino é benéfico também para a criatividade.

2.2. A potencialidade da Dança em relação às pessoas com deficiência

Dentro de todos os problemas citados em relação a inserção da dança na educação, entramos na questão desta prática por corpos que foram segregados e subestimados durante muito tempo em nossa sociedade, corpos marcados, maltratados e considerados “anormais”.

Em relação a esses corpos no campo da dança questiona-se: Esses corpos ditos “incapazes” podem dançar? Quais os elementos estruturantes da dança que podem contribuir para a sua acessibilidade? Como a dança pode participar de processos inclusivos no meio escolar? Qual a importância da dança nos processos inclusivos? Como a dança pode participar na ruptura dos padrões normativos de pessoas estigmatizadas?

Em determinadas abordagens, a dança pode ser considerada um grande fator excludente e uma padronizadora de corpos. Assim, como afirma Alves (2013), podemos perceber que os padrões exigidos em algumas danças eruditas perpassam por pessoas magras, consideradas “normais”, com determinada altura e cor de pele. O corpo fora do padrão sempre foi, historicamente excluído, tratado como se o mesmo não existisse dentro da sociedade. No campo da dança, isso causa problemas

diversos como, por exemplo, o desenvolvimento de doenças, como a bulimia e a anorexia.

Na medida em que o corpo, na perspectiva ocidental, foi e ainda é consideravelmente sinônimo de rendimento, de performance, de protótipo da beleza grega, a dança também é influenciada por essas características. Surgem então a valorização de corpos extremamente padronizados de bailarinos clássicos, magros, esguios e com musculatura bem delineada. Quem fugir desse padrão automaticamente estará excluído da “elite” da dança, isto é, aquela que vai aos palcos, sobretudo em seu formato italiano, é realizada por bailarinos (as) com qualidades técnicas extraordinárias e que, portanto, fazem parte de um elenco seletivo (ALVES, 2013, p. 13).

A dança dentro da escola não busca a performance, nem um corpo ideal, mas sim, uma construção da educação, onde o estudante desenvolve sua autonomia, sua capacidade de criação, sua liberdade de expressão, etc. A dança possibilita a vivência de novos processos e descobertas sobre si mesmo, o que a torna parte de uma metodologia educativa e inclusiva, assim como COSTA (2000), afirma sobre a arte, que engloba também a dança:

Ao adentrar-se na complexidade do universo da arte, e, sendo a arte um valioso agente da inclusão social, as pessoas com deficiência podem trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que, na maioria das vezes, o discrimina ou o segrega, devido aos preconceitos e ao estigma. O trabalho com a arte é capaz de transformá-lo em um ser humano socialmente ativo, com uma autoestima positiva e uma função social determinada. (COSTA, 2000, p. 16).

Neste sentido, a dança é extremamente importante para o alcance de objetivos educacionais, um dos quais é o desenvolvimento emocional e social. Por isso, esta prática proporciona aos alunos possibilidades concretas de mudanças internas e externas, no que diz respeito ao seu comportamento, na forma como se expressam e pensam.

No entanto, como já colocado, a ausência da disciplina de dança com professores especializados na área mostra-se presente na maioria das escolas da educação básica. Dessa forma, é necessário ressaltar sua importância e as possibilidades que ela pode oferecer dentro da educação, já que a mesma pode ser uma forma de estimular os estudantes a valorizar seus potenciais.

Para que a experimentação através da dança e de outras áreas da arte esteja presente na educação, devemos entender que é interessante incluir a perspectiva da transdisciplinaridade e interdisciplinaridade não somente aos estudantes, mas também aos professores. Esta perspectiva possibilita uma organização do trabalho didático onde temas que perpassam os campos das artes sejam incluídos nas áreas

convencionais. Assim, é interessante a proposta de atividades que abram espaço para as diversas áreas da arte, para que todos entendam seu valor dentro da educação e a partir de experimentações vividas dentro da escola, possamos, juntos, apoiar e defender seu ensino.

A dança dentro da escola pode também possibilitar a construção de novas críticas, reflexões e pensamentos a partir de vivências coletivas, fortalecendo o trabalho em grupo. Deixando de lado uma visão da dança que se reduz à reprodução e repetição de passos, percebemos que o seu ensino deve ser realizado a partir de conexões, seja entre professor e aluno, entre alunos ou consigo mesmo, desenvolvendo o respeito por cada um e a singularidade de cada um. A partir de uma metodologia acessível, as aulas de dança podem se tornar um lugar onde a inclusão das pessoas com deficiência pode acontecer, favorecendo para que o ambiente se torne agradável para todos. Para isso, é necessário que o professor respeite os corpos presentes em sala, já que cada um possui sua individualidade e seu tempo para realizar uma proposta.

Deve-se também levar em consideração que a discriminação desses corpos que não são considerados “normais” dentro do âmbito social ainda se faz presente, fazendo com que a segregação se torne presente:

Embora a educação formal implique em acolher todos os alunos de forma igualitária, ainda é comum perceber crianças e adolescentes excluídos, sejam por outros alunos ou até por professores, por preconceito relacionado aos seus corpos ou alguma característica comportamental que por ventura se diferenciam dos padrões estabelecidos culturalmente pela sociedade. (LIMA; PINTO; MARTINS, 2019. p.5)

Devemos levar em consideração o fato de que a escola é o local onde crianças começam a ter um convívio social para além de seus familiares/responsáveis. Além de possibilitar o contato com pessoas diversas, a escola também auxilia na construção do respeito e empatia com as diferenças. Assim, é possível levar para sala de aula uma reflexão sobre como diferentes corpos são capazes de realizar propostas através da dança, de maneira singular e criativa.

A dança possibilita que o sujeito tenha maior empatia sobre seu próprio corpo e sobre o corpo do outro, entendendo que cada um possui suas particularidades e que as mesmas devem ser respeitadas, possibilitando a inclusão nos seus processos criativos, investigativos e educacionais, e promovendo o reconhecimento sobre como diferentes corpos criam diversas danças.

Dentro da aula de dança, essas pautas devem ser trabalhadas, pois aqui a inclusão pode acontecer de forma efetiva, possibilitando que os estudantes possam explorar as propostas com suas particularidades sem que haja cobrança de resultados, onde o processo de descoberta e investigação seja o foco principal da atividade. Estudar o corpo e suas possibilidades de criação, traz um senso de respeito ao outro, já que, entendendo os limites do próprio corpo, o estudante percebe que outras pessoas também possuem limites, mesmo que não semelhantes aos seus.

Importante dizer que a convivência e respeito em sala de aula, partem do profissional que propõe a inclusão em suas atividades, fazendo com que todos possam ter acesso ao ensino.

Muitas vezes, a prática da inclusão na educação básica não condiz com seu objetivo real, sendo este, a proposta de atividades nas quais não haja segregação. Assim como apontam ALVES e MORAES (2018), o pensamento de restauração da perda por parte da deficiência é muito presente na sociedade, onde o foco se torna a “falta” que o conceito de deficiência traz consigo e não na potencialidade que o corpo com deficiência possui. Isso reflete no campo da acessibilidade, já que grande parte das propostas têm como objetivo a restauração desta “falta”. Esse modo de olhar para o indivíduo através da sua falta e não da sua potencialidade, pode refletir em um posicionamento onde as pessoas sem deficiência se sintam em uma posição superior em relação àquelas com deficiência.

Assim, a reflexão sobre nosso sistema de educação é de grande importância, visto que a Lei Brasileira de Inclusão, diz que é obrigatório a inclusão de todas as pessoas dentro das escolas, fazendo com que a exclusão tenha seu fim. Porém, como já colocado neste trabalho, não é bem isso que encontramos nas escolas atualmente, uma vez que o cenário da falta das diferentes formas de acessibilidade para atender a todos, ainda se faz presente.

Segundo Freire (1967), a preocupação da pedagogia é: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”, uma vez que dentro da escola, os estudantes se tornam cidadãos pensantes e questionadores. Assim, a educação se torna a base para uma sociedade onde todos alcancem e lutem por seus direitos.

O espaço escolar, bem mais do que o lugar do aprendizado formal, serve como primeiro cenário extrafamiliar para a expressão da criança no cotidiano em toda a sua amplitude – corporal, simbólica, subjetiva. Ao mesmo tempo, ela permite o confronto com modos diversos de disciplina, que irão ajudar na construção dos valores morais e sociais. A tarefa específica da escola, ou seja, a escolaridade, muitas vezes acaba relegada a segundo plano, já que

cada vez mais torna-se a instituição mais importante, depois da família. (LEITE, 2020 p.135)⁷

Além dos empecilhos sociais, é importante atentarmos à questão da formação dos professores. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, define que as redes de ensino devem garantir aos estudantes com deficiência:

professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular, capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns⁸.

Acontece, que existe uma diferença entre os professores capacitados para classes comuns e os que realizam atendimentos especializados. Aqueles considerados capacitados, devem possuir em sua formação inicial uma disciplina que abarque a educação inclusiva, além de uma capacitação para compreender quais são as demandas educacionais dos estudantes e viabilizar as ações pedagógicas para que todos possam ser atendidos dentro de sala. Já a formação dos professores especializados, deve abarcar cursos específicos para atuação ao atendimento educacional especializado.

Deve-se refletir sobre a formação dos profissionais capacitados para o ensino regular, uma vez que existe uma profundidade e complexidade em relação à inclusão e que fazê-la parte das aulas e do dia a dia se torna obrigação do docente. O professor precisa entender que a sensibilidade caminha junto a educação e que escutar o outro e trabalhar a inclusão são ferramentas principais para lidar com a diversidade dentro de uma sala de aula. Além de uma capacitação básica, os professores adquirem a aprendizagem pela experiência, uma vez que a educação pode ser considerada uma caixinha de surpresas, onde você lida com pessoas diferentes o tempo todo e aprende com elas ao longo da sua profissão. Diante disso, a preparação para a inclusão na educação se dá também de forma contínua, com o tempo de docência, pela sensibilidade e processo de aprendizagem do professor.

Para o professor, é imprescindível entender que todos os indivíduos possuem limites, sejam eles estabelecidos por eles mesmo ou por terceiros. Assim, cabe aos mesmos fazer da sala de aula um ambiente confortável para seus estudantes,

⁷ <https://diversa.org.br/artigos/educacao-inclusiva-e-formacao-docente/>

Acesso em: 24/10/2022

⁸ Professora na Universidade Federal de Minas Gerais e de uma disciplina de Dança ofertada na Escola Casa Viva Educação e Cultura através do Projeto Arte e Diferença.
<https://institutocasaviva.com.br/>

respeitando suas limitações, no intuito de conseguir uma maior abertura de todos para as propostas, sendo possível que cada um tenha sua experiência.

O pensar na educação como uma troca de conhecimento agrega tanto para o professor, quanto para o estudante, já que as aulas se tornam um meio de partilha onde os dois lados desenvolvem uma construção do saber igualitária. A limitação de um indivíduo não precisa estabelecer um limite sobre o mesmo, ou seja, ele não deve se limitar ou ser limitado por outros pelo fato de ser uma pessoa com deficiência. Uma pessoa em cadeira de rodas, por exemplo, não deve deixar de realizar uma aula de dança somente pelo fato de ter a limitação da não movimentação das pernas. Assim, parte do professor e do estudante encontrarem meios para que aquela aula ou proposta seja realizada de diferentes formas ao invés de se tornar uma impossibilidade por causa da especificidade de uma pessoa.

A educação inclusiva presume uma escola onde a participação é importante e a aprendizagem para todos é considerada pauta principal. Com isso, também é necessário pensar em mudanças físicas, de gestão e de equipe, onde o Projeto Político Pedagógico abarque a todos, para que os princípios da inclusão possam ser realizados na prática.

A dança na escola tem, para nós, o intuito de proporcionar um espaço no qual as crianças possam pensar sobre os corpos que dançam, sobre a dança, investigar e explorar a gestualidade de diferentes maneiras, pensar criticamente sobre as artes e também sobre a sociedade. A dança pode ser ensinada de diversas maneiras e isso possui grande influência em relação a potencialidade que reflete sobre um corpo. É um espaço onde todos podem se sentir representados, culturalmente e socialmente, uma vez que trabalha o lado artístico e criativo da criança, contribuindo para a formação de sua identidade.

Pode-se perceber que, juntamente ao tema “inclusão”, a perspectiva de uma abordagem na dança onde todos os corpos sejam acolhidos e onde todas as pessoas possam praticar a arte tem tomado conta das escolas.

Sendo assim, a dança, praticada na escola, pode ser potencializadora de processos inclusivos, posto que, possui inúmeras possibilidades para abarcar todos os corpos. O tabu sobre qual corpo pode ou não praticar a dança deve ter um fim. Todos os corpos possuem competências distintas, tendo a capacidade de dançar aquilo que os atravessa, o que os representa e o que faz sentido para cada um.

A partir desse princípio, a Escola Casa Viva Educação e Cultura foi o campo de observação onde a pesquisa foi realizada, uma vez que a mesma reconhece a dança como uma forma de educação e inclusão. Com isso, as aulas ministradas pela professora Graziela Correa de Andrade⁹, permitiram observações e apontamentos realizados para o desenvolvimento deste trabalho que será apresentado no próximo capítulo.

⁹Acesso em: 24/10/2022

3. A DANÇA COMO POTENCIALIDADE PARA INCLUSÃO NA ESCOLA CASA VIVA EDUCAÇÃO E CULTURA

Este capítulo é dividido em três tópicos. No primeiro, é apresentada a escola Casa Viva Educação e Cultura, seu projeto pedagógico e sua estrutura. No segundo, discorre-se sobre as aulas de dança observadas nesta escola e, por fim, apresentam-se reflexões sobre a dança em processos inclusivos a partir da vivência no Centro Pedagógico- UFMG e na escola Casa Viva Educação e Cultura.

3.1 A escola Casa Viva Educação e Cultura

A Casa Viva Educação e Cultura¹⁰, é uma escola nascida do movimento pela busca da educação transformadora, organizado por um grupo de professores. A Casa Viva busca novas formas de pensar e vivenciar o ensino fundamental, como afirmam:

Pensar a relação do currículo com o mundo contemporâneo, da escola com a cidade, da democracia com o modelo de gestão e da diferença como potência transformadora. (CASA VIVA)

Segundo o projeto pedagógico da escola, é importante que a democracia esteja presente em suas tomadas de decisões, sendo assim, o coletivismo é bastante visado dentro da mesma:

O princípio de que ninguém deve estar só é o número um desse projeto, por isso a coletivização das tomadas de decisão em todos os seus processos, sejam pedagógicos, administrativos ou financeiros, é um de seus pilares mais importantes. (CASA VIVA)

Para a escola, é importante que os estudantes sejam apresentados a novas formas de se expressar e criar. Abordam também, a importância da interdisciplinaridade dentro do currículo, principalmente no campo da arte, onde a experiência se faz presente.

Na Casa Viva, diversas disciplinas trazem as Artes para o seu planejamento, pois existe sempre um convite a apreciar o mundo. Isso acontece não somente nas disciplinas de Arte, mas também em outras áreas do conhecimento. Aos alunos são apresentados universos da ordem estética, ou seja, são encaminhados a entrar no mundo da subjetividade em que possam revelar novas formas de agir e sentir. (CASA VIVA)

¹⁰ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
Acesso em: 24/10/2022

A Casa Viva reconhece e afirma a importância da inclusão dentro da educação básica e se reconhece como uma escola pensada para ser inclusiva. Sua relação com os indivíduos parte de valorizar o coletivismo, abarcando sempre a diversidade em seu projeto pedagógico, assim como afirmam:

Implica em pensar numa gestão dos processos educacionais que integre os envolvidos, que promova trocas, que atribua sentido não apenas ao componente curricular em estudo, mas a todas as relações envolvidas na sua busca. Ou seja, as diferenças estarão naturalmente postas, seja em relação a questões étnicas, religiosas, de gênero, seja em relação às diferenças decorrentes da chamada deficiência. (CASA VIVA)

A escola pensa na inclusão a partir da força dos encontros entre indivíduos e suas trocas, colocando o crescimento coletivo em evidência. Segundo seus princípios, outro ponto necessário, é mediar o conhecimento e a comunicação, onde todos atuem e construam a partir do coletivo.

Segundo sua metodologia, a escola tem uma perspectiva de aprendizagem que visa evidenciar e abarcar o que todos aprenderam a partir da cultura vivenciada por eles.

Ao longo do ano, a Casa Viva realiza alguns eventos com intuito de abrir as portas para as famílias e para a comunidade. Esses eventos servem como trocas de experiências através de exposições de alguns trabalhos dos estudantes.

A instituição tem em seu calendário eventos para a comunidade interna e externa à escola em que as portas permanecem abertas para trocas e mostras das produções dos alunos. Nesse espaço ocorrem os eventos Troca Viva, Olimpíadas, Festa da cultura Afro brasileira e o CUCA, nossa mostra de Cultura, Ciências e Arte. (CASA VIVA)

Além de atividades em grupo e festas de fim de ano, a escola mantém um canal de comunicação que sempre está aberto. Para que pais, mães, responsáveis e especialistas se relacionem e opinem sobre questões da escola.

Acreditando que as discussões de temas relevantes a toda comunidade devem ser coletivizadas, criamos a Escola de pais, espaço destinado para debater ideias, pontos de vistas e tomar decisões de forma comunitária. (CASA VIVA)

Promove também atividades em grupo, onde os professores se organizam para que as turmas realizem propostas levadas por eles, trabalhando, assim, a transdisciplinaridade e coletivismo.

O Festival de Cultura Ciência e Arte que acontece dentro da escola, é um exemplo dessas propostas realizadas, onde acontecem exposições de trabalhos realizados pelos estudantes, podendo ter a presença de pais e responsáveis para visitar cada trabalho exposto.

Figura 1 - Foto tirada durante o Festival de Cultura Ciência e Arte



Fonte: Foto retirada do site da escola Casa Viva Educação e Cultura

Figura 2 - Foto tirada durante o Festival de Cultura e Ciência e Arte



Fonte: Foto retirada do site da escola Casa Viva Educação e Cultura

Figura 3 - Foto tirada durante o Festival de Cultura Ciência e Arte



Fonte: Foto retirada do site da escola Casa Viva Educação e Cultura

Também existem os trabalhos realizados nos espaços externos da escola, já que um de seus princípios é levar os estudantes para a cidade, utilizando praças e parques para realizar algumas aulas, festas e exposições. A escola acredita que a rua é um lugar onde adolescentes também devem habitar, realizando atividades ao ar livre, conhecendo locais, tendo contato com a cultura de cada lugar, uma vez que as ocupações desses devem estar presentes na formação de cada um.

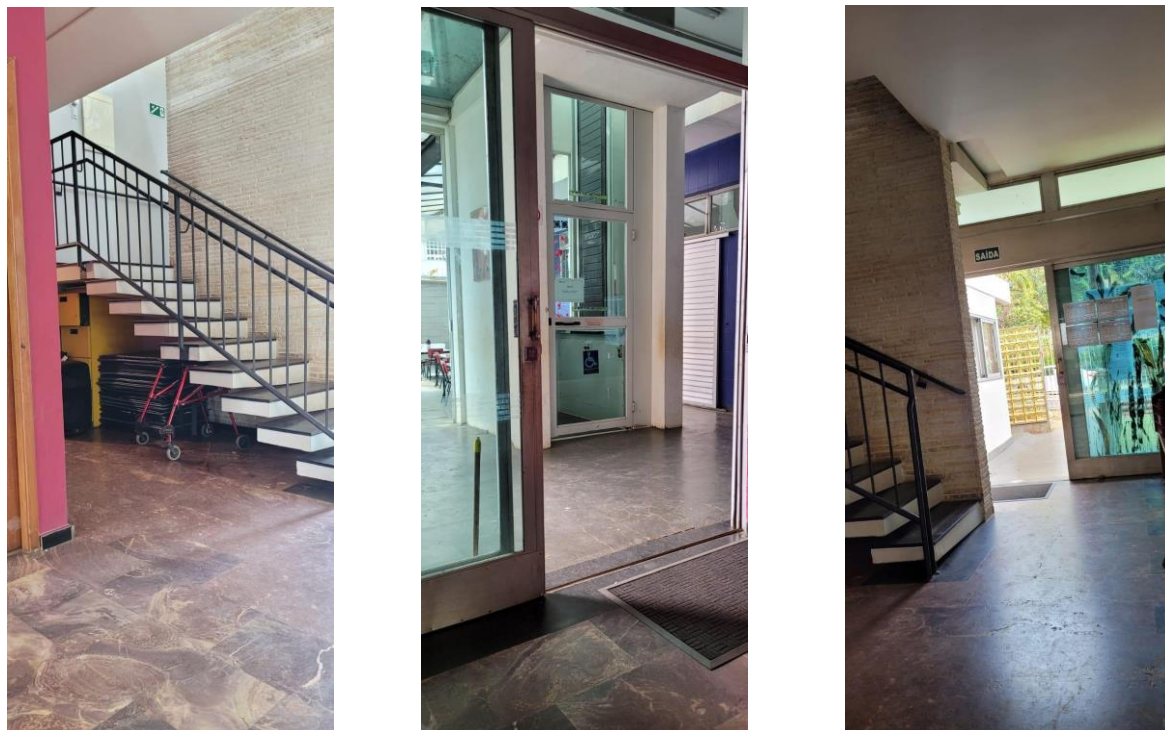
Figura 4 - Foto tirada na Festa da Família - “A casa é sua, a rua é nossa”



Fonte: Foto retirada do site da escola Casa Viva Educação e Cultura

A escola possui um espaço físico onde a acessibilidade é notória: possui um elevador que dá acesso ao segundo andar e o chão não possui degraus dificultadores de deslocamento.

Figuras 5, 6 e 7 - Espaço interno da escola Casa Viva.



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Em relação a sua pedagogia, a escola visa a inclusão de todas as pessoas, garantindo os direitos de aprendizagem a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹¹.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a BNCC deve orientar os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

A BNCC lista os conhecimentos, habilidades e competências que todos os alunos devem desenvolver durante sua educação básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica,

¹¹ Os nomes citados neste capítulo são ilustrativos, sendo assim, a identidade dos estudantes foi mantida em sigilo.

a Base se soma aos objetivos que orientam a educação brasileira para a formação humana e tem como intuito a construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

Baseado nisso, a escola parte dos seguintes princípios:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (CASA VIVA)

Observa-se que a escola possui um princípio onde o respeito se coloca presente, tanto para com os estudantes e seus responsáveis, quanto para com os professores. A ideia de que os estudantes sigam exemplos que lhes são apresentados durante sua formação, é notória e se apresenta de diferentes maneiras como, por exemplo, na convivência com a diferença e a afirmação da importância da inclusão e da acessibilidade dentro da sociedade. Segundo o currículo estabelecido e a forma de educar escolhida pela escola, pode-se perceber que os indivíduos entendem as diferenças por meio do respeito que lhes é apresentado pelos professores.

Importante observar que seu projeto pedagógico entende e pauta a importância da matéria de artes como parte do currículo, valorizando e reconhecendo suas potencialidades. Também visa a contratação e parceria de profissionais capacitados para cada modalidade dentro das artes, ou seja, professores com experiência e formação dentro do campo abordado pelos mesmos.

As aulas de dança ministradas pela professora Graziela na escola Casa Viva, surgiram a partir da relação da escola com a família, uma vez que sua filha estudava na escola. Por conhecer a família de seus educandos, a escola sabia que Graziela ministrava aulas de dança e a convidou para atuar como professora durante um

semestre em uma matéria eletiva. As aulas ministradas faziam parte do projeto Arte e Diferença, que se trata de um projeto de extensão que existe desde de 2017, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), envolvendo a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Educação. O projeto conta com as áreas da Dança, da Música, do Teatro, das Artes Visuais e da Educação e tem como objetivo articular o singular e o coletivo, como afirmam as diretoras do mesmo:

O projeto propõe a construção de metodologias em Arte com foco na acessibilidade, oferta de oficinas acessíveis e interdisciplinares, produções artísticas e realização de eventos científicos, buscando uma articulação entre extensão, ensino e pesquisa. Para tanto, oferecia oficinas artísticas presenciais para jovens com e sem deficiência antes da pandemia e, durante o período de isolamento social, passou a realizar um conjunto de atividades remotas, como oficinas artísticas para estudantes universitários com e sem deficiência, aulas de dança para crianças, jovens e adultos, serenatas para profissionais da área da saúde, entrevistas, Lives, rodas de conversa, dentre outras ações. (VIANA; RAHME, 2019, p. 43)

O projeto Arte e Diferença conta com o auxílio de estudantes voluntários e bolsistas, que acompanham e participam ativamente no planejamento das oficinas, o que contribui para sua formação como docentes, uma vez que trabalham com foco na acessibilidade, na oferta de oficinas interdisciplinares e acessíveis, fazendo os mesmos adquirirem experiências e saberes tendo a inclusão como ponto de partida. Assim, o projeto trabalha a acessibilidade, a ludicidade, a autoralidade e a dialética, sempre colocando em evidência o respeito em relação ao outro e ao tempo de entendimento de cada um.

3.2 A dança na Casa Viva- Apontamentos das observações realizadas

A Casa Viva possui uma ampla abordagem em relação às artes, que se mostra presente de forma física no dia a dia da escola com exposições de desenhos, colagens e pinturas feitas pelos estudantes durante suas aulas. Para trabalhar a autonomia e a democracia, a escola permite que os estudantes escolham com qual área da arte desejam ter contato durante o semestre. Assim, a modalidade mais votada por eles, se torna uma matéria eletiva, ou seja, uma disciplina escolhida entre as obrigatórias com o intuito de acrescentar e enriquecer a experiência acadêmica de cada um.

Como disciplina eletiva para o segundo semestre de 2022, alguns estudantes escolheram a dança, onde as aulas foram propostas pela professora Graziela Correa de Andrade e acompanhadas por mim. É importante ressaltar que as aulas tinham

como característica os entendimentos e pensamentos que a Dança Contemporânea traz consigo, sendo assim, eram baseadas em um novo fazer artístico, onde a experiência, a experimentação e a descoberta foram os pontos mais trabalhados. As aulas aconteceram em um espaço destinado à eventos e apresentações feitos pela escola, então se trata de uma sala ampla, sem obstáculos e com materiais disponíveis:

Figuras 8 e 9 - Sala destinada às aulas de dança da Escola Cava Visa.



Fotos tiradas pela autora.

Durante as aulas de dança na Casa Viva, foram recebidos na sala oito estudantes com idades variadas entre 15 e 18 anos, sendo a maioria adolescentes com deficiência. Houve uma receptividade muito grande por parte de alguns estudantes, que se mostraram disponíveis para realizar as atividades propostas e interessados em explorar os movimentos a partir do que a professora falava. Nota-se que a maioria dos estudantes presentes demonstraram um certo desconforto com movimentos propostos no chão, já que se tratava das primeiras experiências. A partir

dessas dificuldades, foram sendo construídas algumas estratégias para que os estudantes se sentissem confortáveis para a experimentação. Assim, a professora usou a ludicidade trabalhando também a criatividade, onde pedia para que os estudantes se deitassem da mesma maneira em que dormem e que aos poucos mudassem de posição como se estivessem em suas camas, no intuito de fazer com que eles experimentassem várias formas de rolar pelo espaço. Também fez a utilização de panos e tecidos para tentar trazer um certo conforto e conseguir trabalhar a partir do chão. Essa resistência em relação ao chão e aos rolamentos pode-se dar por vários motivos, mas algo que nos chamou a atenção foi a dificuldade de mobilização articular por parte de alguns, o que pode acabar dificultando um pouco a proposta, posto que os movimentos que lhes foram propostos envolvem a mobilização das articulações. Como essa proposta gerou um desafio para a maioria dos estudantes, foi uma das atividades que escolhemos trabalhar mais de uma vez, já que as articulações são pontos extremamente importantes dentro da dança, assim como afirma Klauss:

Na verdade, o problema está no acúmulo de tensões, nas tensões localizadas que restringem a capacidade de movimento das articulações e dos grupos musculares, obstruindo o fluxo energético que atravessa o Corpo. (VIANNA, 2005, p.106)

O fato de as aulas serem algo novo tanto para os estudantes quanto para a professora nesse contexto específico, fez com que a observação em relação à turma e como eles reagiam a cada proposta fosse de extrema importância. Foi preciso aprender como chegar até eles com as atividades sugeridas, realizando adaptações durante as aulas. Após a realização das aulas, a professora também conversava um pouco com a turma para entender qual a melhor abordagem, fazendo perguntas em relação a aula que aconteceu. Os relatos dos estudantes, a abertura e a sinceridade para conversa ajudaram bastante em relação aos planejamentos que eram realizados, uma vez que sempre falavam o que gostaram e o que tiveram dificuldade. Durante as aulas, alguns estudantes se mostravam cansados e um pouco desinteressados, parando para se sentar, deitar e até mesmo mexer no celular. A partir disso, adaptações foram sendo feitas para que as aulas ficassem mais convidativas a eles, já que para a participação de todos, precisávamos que eles se sentissem à vontade em relação às atividades.

Após algumas adaptações, os estudantes passaram a participar de toda a aula, sem se sentarem ou mexerem no celular, voltando a atenção para as propostas,

exceto em alguns dias, onde poucos se mostravam mais indispostos e cansados, mas apesar disso, realizavam as atividades.

Ao longo das aulas, houve alguns processos que chamaram bastante atenção, dentre eles, cabe aqui citar especificamente o progresso de dois estudantes, Luiz e Pedro¹².

Nas primeiras atividades levadas pela professora, Luiz apresentava um certo desânimo em relação às propostas e costumava fazê-las depois de alguns incentivos de nossa parte, uma vez que ficava boa parte da aula sentado. Luiz é um estudante que se mostra mais introvertido tanto com os professores quanto com os colegas e quando chegou para as aulas de dança ficava em um canto na sala, se mostrando indisponível para qualquer proposta. Porém, ao longo do semestre, o estudante chegava em sala já retirando seus sapatos, se preparando para fazer a aula e se juntando aos colegas. Luiz realizava suas atividades sem precisar de ajuda ou incentivo da professora e passou a demonstrar interesse pela experimentação dos movimentos que surgiam de acordo com cada proposta. Foi notório como que, com o passar do tempo, o estudante se mostrou mais confortável com a dança e também com os colegas e professoras em sala, sendo assim, podemos dizer que o processo de Luiz foi cheio de descobertas, de paciência para consigo mesmo e de sua própria permissão para explorar cada momento das aulas. Tudo isso lhe permitiu se sentir mais confortável com a proposta de montar sua própria sequência e apresentá-la aos colegas, descobrindo diferentes movimentos e expressões faciais. Além de participar de atividades em grupo, trabalhando a criatividade e a fala (que não é um recurso de comunicação muito utilizado por ele), Luiz nos surpreendeu ao se tornar um estudante mais participativo, curioso e mais disponível.

Percebemos que exercitar a criatividade do estudante é algo extremamente importante dentro da sala de aula, já que, a partir dela, a autonomia de aprendizado, a liberdade de expressão e a motivação são pontos que se sobressaem, assim como afirma:

O fazer criativo sempre se desdobra numa simultânea exteriorização e interiorização da experiência da vida, numa compreensão maior de si própria e numa constante abertura de novas perspectivas do ser. Cada um de nós pode falar em nome de suas próprias experiências e a partir de sua própria visão de mundo. E em sendo cada pessoa um único indivíduo, suas formas expressivas também o serão, por conta disso é fundamental que no contexto da aula sejam reunidas impressões do professor e estudante sobre si

mesmos, os outros e a vida. Esse é o verdadeiro caminho para os processos de ensinar e aprender. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.30)

Em relação ao processo de aprendizagem de Pedro, observamos que algumas mudanças foram ocorrendo em sua participação ao longo das aulas, sendo uma delas a independência da companhia de sua monitora para algumas atividades, tendo em vista que nas primeiras aulas se mostrou bem apegado a ela para realização de todas as propostas. Durante as aulas em que as propostas de criação aconteciam, notamos que Pedro criava suas sequências de movimentos com auxílio de sua monitora, mas as repetiam sozinho, quando solicitado pela professora, mostrando uma memória corporal em relação ao que tinha explorado e experimentado. Nota-se também que a dificuldade da oralidade do estudante não o afasta da comunicação, uma vez que durante as aulas de dança, o mesmo se expressava corporalmente, deixando claro o que o agradava e também o contrário.

A partir de conversas com a monitora de Pedro, ela disse que o mesmo havia sido diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) e segundo alguns relatos, manter contato visual com outra pessoa pode gerar desconforto e estresse para alguém com TEA. Conseguimos perceber esse desconforto em Pedro a partir do primeiro contato que tivemos, uma vez que o mesmo não fazia nenhum contato visual.

Devido ao fato do contato visual ser, muitas das vezes, algo desagradável para alguém com TEA, durante uma aula foi proposta uma atividade lúdica onde foi trabalhada com os estudantes a noção espacial, o equilíbrio e a capacidade de fixar os olhares. A proposta consistia em uma caminhada de um lado da sala para outro, mantendo o contato visual em dois bastões de madeira segurados pela professora. A mesma emitia um som com os bastões, colocando-os próximo aos olhos, fazendo com que o estudante caminhasse de frente para ela mantendo o olhar nos bastões. Durante essa atividade, Pedro se mostrou muito interessado e nos surpreendeu, já que manteve contato visual com a professora durante todo o percurso, até mesmo quando lhe foi proposto caminhar para trás.

Diante disso, observou-se que a ludicidade e o respeito em relação ao tempo do outro se tornaram dois pontos chave para que as aulas acontecessem de maneira agradável, onde todos conseguem experimentar as propostas sugeridas de acordo com suas necessidades e caminhos diferentes.

É interessante pautar que os objetivos das aulas não giravam em torno de resultados como fazer o estudante falar, ou realizar um determinado movimento do

jeito que lhe foi mostrado, mas sim de abordar potencialidades que a dança pode carregar consigo. Dentro das aulas, abordou-se diferentes maneiras de realizar um rolamento, trabalhamos a noção de espaço com dinâmicas em grupos, exploramos os movimentos das articulações, realizamos atividades onde a criatividade e a memória eram trabalhadas, juntamente com a projeção da voz, além de abrir espaço também para danças livres, que acabou se tornando uma atividade em que os estudantes sentiam conforto e se mostraram empolgados em participar. Durante essas e outras propostas levadas para sala de aula, sempre buscamos colocar a potencialidade do estudante como evidência, fazendo com que se sentissem motivados a realizar as atividades. Fazer com que se sentissem capazes de fazer qualquer coisa, no tempo e na forma de cada um, foi imprescindível para que as aulas acontecessem.

É importante ressaltar que as aulas ministradas pela professora Graziela não possuíam um objetivo em específico, mas sim um foco e um direcionamento, que se tratava da consciência corporal e relação com o espaço. Durante o acompanhamento das aulas e em uma entrevista realizada com a professora, percebeu-se que antes de traçar um plano de aula, deve-se conhecer os desejos e a disponibilidade da turma, uma vez que as aulas devem ser interessantes e chamar a atenção deles, para que assim, exista um desejo em realizar as propostas:

Então é isso, eu tinha direcionamento e não objetivos, e sim, a cada aula eu não chegava com nada muito pronto, só com uma ideia. Pois eu iria escutar a demanda deles, o corpo deles e como eles estavam naquele dia, porque tinham dias que estavam super desanimados e dias que estavam super animados e tentar construir, a gente tem que ter um repertório na manga para ir elaborando junto com eles, mas para mim é o jeito que melhor funcionou a aula. (ANDRADE, 2023)

A entrega e a observação foram pontos importantes para que os estudantes tivessem interesse pelas aulas, uma vez que cada um possui uma demanda e característica diferente, era necessário perceber qual abordagem utilizar, como lidar com certas situações e como incentivar sem invadir o espaço do outro. Assim como afirma a professora Graziela, insistir em um único formato de aula, onde o professor leva tudo pronto, com um objetivo traçado, sem conhecer as pessoas que estão dentro de sala acaba sendo uma metodologia que promove um certo choque com a turma, pois a escuta e a abertura de quem propõe é extremamente necessária para que a dança possa atravessar e propiciar experiências para cada um. Junto a isso, a confiança também se torna necessária para que se possa acessar o estudante, para que ele entenda que aquilo que o professor propõe irá acrescentar em sua vivência,

assim como aconteceu durante uma das aulas, onde a professora percebeu uma certa transferência de confiança de um dos estudantes:

Teve um dia que eu fiquei emocionada, porque a monitora de um dos estudantes precisou sair e ele sempre fica com ela. E ela saiu muito rápido e nesse minuto que ela saiu, ele me pegou pela mão e saiu andando comigo e eu achei maravilhoso, porque alguma transferência tinha acontecido ali. Na ausência da monitora, a professora podia ser esse alguém, mas eu era uma nova professora, então foi um momento de entrega, de confiança. "Eu posso estar com essa pessoa que eu vou estar seguro". Depois eu consegui desenvolver algumas coisas com ele de toque, que foram bem interessantes. (ANDRADE, 2023)

Durante as aulas, foi proposto pela professora que fossem usados alguns verbos de ação abordados por Laban para que fosse trabalhada a criatividade dos estudantes, fazendo com que cada um ficasse com um verbo e explorasse a ação em uma pequena sequência de movimentos. Alguns verbos como empurrar, levantar, puxar e torcer foram utilizados, e a partir disso, surgiram algumas sequências criadas pelos estudantes. Durante o processo, observou-se que isso era uma abordagem nova para eles, já que alguns pediram ajuda em relação ao que fazer para representar o verbo. Foi o caso do estudante Igor, que já fazia aulas de dança fora da escola e durante essa atividade, pediu ajuda à professora depois que passou um tempo pensando e experimentando como representar com seu corpo o verbo "empurrar" e a partir dessa ajuda, onde a professora o fez refletir que quando andamos empurramos o chão, ele nos disse: "Nossa, eu tenho tantos anos de dança e nunca pensei nisso". Isso mostra que as descobertas realizadas por eles partem de uma investigação e processo particular, onde o corpo precisa do seu próprio tempo para entender e assimilar o que está sendo proposto. A dança proporciona que você enxergue as coisas por outros pontos de vista, assim como foi o caso desse estudante, descobrindo que realiza uma ação durante grande parte do seu dia e nunca havia parado para observar isso. Essas descobertas abrem espaço para outras, que possibilitam ao estudante uma outra visão de corpo, espaço e mundo, assim como afirma a professora:

E eu acho que isso é uma riqueza muito grande, de te deslocar de um lugar que você já está e que você se constituiu nesse lugar enquanto corpo, você apresentar outras possibilidades. Eu acho que a dança apresenta uma abertura do ponto de vista de mundos, de formas de olhar o mundo, como você vai estar no espaço. (ANDRADE, 2023)

Com isso, as aulas de dança ministradas como disciplina eletiva na Escola Casa Viva, nos mostraram que o planejamento de um professor deve mudar de acordo

com sua turma, uma vez que a diversidade carrega consigo inúmeras possibilidades de aprendizado e diversas maneiras de abordagens. Além de trabalhar a autonomia do estudante, juntamente a criatividade e também ampliar as formas de enxergar a dança, o corpo, o espaço, o outro e a si mesmo, a dança faz com que o sujeito reflita sobre a diversidade, entendendo que todo corpo pode ocupar o espaço que deseja dentro da dança.

3.3 A dança na perspectiva inclusiva

Conforme os relatos sobre as aulas de dança, pode-se notar que os estudantes tiveram um amadurecimento em relação às propostas levadas pela professora. Foi possível observar que ao longo das aulas, a experimentação foi se tornando algo menos distante e mais confortável para eles. Também foi perceptível a mudança em relação a seus movimentos e formas de expressão, pois se mostravam confiantes e seguros em relação ao que estavam fazendo.

Esses acontecimentos, resgatam memórias de um trabalho como fotógrafa realizado por mim no ano de 2019 no Centro Pedagógico- UFMG. Assim, relatarei aqui algumas vivências em relação a minha percepção em relação à inclusão dentro da escola naquele período. Participei de algumas aulas de dança que aconteciam no projeto GTD¹³ Dança e Potencialidades, ministrado pela professora Marlaina Roiz e pela monitora Gisele Petrina. A partir das experiências vividas durante o período em que estive dentro da escola, posso afirmar que a inclusão de pessoas com deficiência é um ponto muito forte dentro de seus objetivos. Segundo o seu Projeto Político Pedagógico, o Centro Pedagógico possui uma visão de ensino-aprendizagem que se sustenta a partir de três princípios, que são: participação democrática, formação integral e construção coletiva.

Acredito que esses princípios também refletem sobre os estudantes, uma vez que, em seus relacionamentos com colegas de turma, é perceptível o cuidado e preocupação em relação ao outro. A diversidade ocupa a escola de todas as maneiras

¹³ GTD- O Grupo de Trabalho Diferenciado são grupos de trabalho que buscam promover a ampliação curricular dos alunos.

“Tem como objetivo principal permitir a construção de conhecimentos e experiências”. (CAMPOS; SOUZA; SILVA: 2020; p.134)

e a forma com que as crianças lidam com essas diferenças é exemplar no sentido da conexão e empatia que possuem uns com os outros.

A turma que fotografei era composta por crianças com deficiências como: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Paralisia Cerebral e Síndrome de Down. As mesmas eram acompanhadas por seus monitores, que também realizavam as aulas e participavam ativamente de todas as propostas. O interessante de se observar durante as aulas era a maneira singular de cada criança realizar as atividades apresentadas, uma vez que a turma era bem diversa em relação às deficiências. Também era perceptível como as propostas aproximavam a criança de seu monitor, já que durante a aula todos faziam as mesmas atividades e mantinham contato através da dança, fazendo com que a conexão, a confiança e a empatia entre eles fosse notória. A possibilidade de explorar o espaço era algo que me chamava atenção durante as aulas, já que aquelas crianças que se encontravam em cadeira de rodas, eram colocadas sobre panos, carregadas e puxadas pela sala. Acredito que isso permitia uma nova experiência sobre deslocamento e percepção de espaço, uma vez que ficavam praticamente o dia todo sentadas na mesma posição. Naqueles momentos vivenciavam e conheciam outras possibilidades de se mover fazendo dança, construindo assim, um conhecimento a partir do movimento. Era possível perceber também que quando essas crianças deixavam suas cadeiras, as outras se juntavam a elas para acompanhar e participar dessa exploração e às vezes até se interessam em explorar as próprias cadeiras, conhecendo novas formas de movimentos através delas.

Durante as aulas, eram realizadas algumas propostas de dinâmicas individuais e em grupo, mas era perceptível que as crianças tinham uma autonomia e liberdade muito grande para mudar as atividades de acordo com suas vontades. Acredito que essa autonomia trabalhada na escola perpassa o lugar da construção de uma independência que vai além da sala de aula, fazendo com que o indivíduo saiba alcançar seus objetivos e conviver de maneira independente, assim como afirma Forgiarini (2012):

Através da análise dos conceitos de autonomia, podemos inferir que as ações desenvolvidas nas escolas buscam a produção de sujeitos autônomos, capazes de autogestão e superação da heteronomia. As escolas inclusivas também apresentam em seus discursos e práticas educacionais, alternativas que possibilitam aos sujeitos o desenvolvimento de sua autonomia. Nesse sentido, entendo que também os sujeitos com deficiência são estimulados a alcançar a autonomia, para que possam sobreviver e conviver de maneira independente na sociedade. (FORGIARINI, 2012, p. 58)

Nas aulas, as professoras respeitavam seus momentos e os incentivava caso algo novo surgisse a partir de suas propostas. Para as aulas, eram disponibilizados materiais como tecidos, colchonetes, bolinhas de tênis e músicas, que também serviam para chamar a atenção das crianças durante a dança, uma vez que algumas delas voltavam totalmente sua atenção para aquilo que estavam experimentando quando algum objeto era introduzido na proposta.

Ao final do semestre, foi proposto para as crianças que fizessem uma apresentação do que haviam experimentado em sala e assim, alguns ensaios e planejamentos começaram a surgir. As crianças se apresentaram em um evento que ocorreu no Centro Pedagógico e pude participar de algumas conversas entre os estudantes antes da apresentação, onde muitos colegas parabenizaram e deram apoio àqueles que se apresentariam no dia.

Para além da aula de dança, também foi possível acompanhar a interação das crianças ditas “normais” e das crianças com deficiência. Atos de carinho, apoio e cuidado eram comuns entre eles, presentes em falas do tipo: “Quando vamos dançar juntos?”, “Como posso te ajudar?”, “Quer companhia para ir para a sala?”, “Vai se sair bem na apresentação!”. Pude notar que o incentivo e a empatia faziam parte do dia a dia deles, naquele ambiente diverso e respeitoso.

Minhas observações nessas duas experiências (dança com pessoas com deficiência na Escola Casa Viva e no Centro Pedagógico) foram de extrema importância para meu entendimento de dança enquanto produtora de saber que promove autonomia, conscientização do espaço que o indivíduo ocupa, consciência corporal, respeito e empatia em relação ao outro. É uma arte que permite a exploração e o conhecimento do seu próprio corpo e de suas potencialidades, a experimentação e descoberta de movimentos, o uso da criatividade e expressividade individual e coletiva, e principalmente, é uma arte possível para qualquer sujeito.

Considerações Finais

Neste trabalho, refletimos sobre as possibilidades que a dança proporciona para o sujeito em relação a si mesmo, em relação ao espaço que ocupa e como isso reflete em sua vivência na coletividade. A construção de uma educação qualitativa para formar seres pensantes, questionadores e com inúmeras visões sobre o mundo é necessária para que haja a inclusão.

Nosso corpo é nosso ser, nosso habitat em construção. A relação que possuímos com essa nossa moradia, seus cômodos internos e sua superfície externa é o primeiro aprendizado de nossas vidas. Nosso corpo é nosso primeiro meio de comunicação, de relação com o mundo e de descoberta.

No entanto, muitas vezes esse corpo é tido como simples matéria, é esquecido e deixado de lado. Quando se pensa na educação, por exemplo, o corpo é muitas vezes desvalorizado, numa perspectiva de separação entre corpo/mente. Mas isso não ocorre somente no ambiente escolar.

A dança permite esse “resgate” do corpo, por meio de experiências sensíveis que permitem o contato do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o meio que o envolve. Dentro deste contexto, o corpo ultrapassa a função biológica que possui e se torna uma potencialidade de comunicação artística, de autoconhecimento e de experiências únicas. Podemos então dizer que somos um corpo e não que temos um corpo, já que quando falamos sobre ele, tratamos de pensamentos, de construção de conhecimento, de arte, de experiências e vivências. O “resgate” também trata de um contato consigo mesmo, uma percepção e consciência sobre si e a relação do corpo no espaço, com o espaço e fazendo espaço.

Portanto, reconstruir a ideia de que é necessário um determinado tipo de corpo para que se possa dançar, também está nas mãos dos futuros docentes da arte, já que a dança diz respeito ao desenvolvimento da criatividade, expressão, liberdade, autoconhecimento e diversidade de corpos.

É importante ressaltar que a relação do estudante com o espaço e com aqueles que estão em sala de aula pode impactar diretamente em seu processo de aprendizagem, já que, quando se sente seguro, em confiança, se torna mais aberto a novas experiências. Então, transformar e cuidar do ambiente escolar é também

auxiliar no processo de cada estudante, fazendo com que seja mais agradável, potente e acessível.

Durante as aulas de dança na Escola Casa Viva, foi percebido como os estudantes experimentaram novas possibilidades de exploração e ocupação do espaço, de movimentos e como foram elaborando uma nova relação com a dança. O contato com uma nova forma de se pensar e fazer dança foi um desafio tanto para eles, em relação a abertura que tiveram para as propostas levadas, quanto para nós, já que se tratava do nosso primeiro contato com uma turma tão diversa e cheia de expectativas.

O processo em que a dança se torna algo mais do que apenas uma sequência de movimentos, proporciona a experiência de uma descoberta de si mesmo e da sua atuação no mundo. Acredito que o maior objetivo das aulas de dança da Escola Casa Viva foi perceber as possibilidades e caminhos que o corpo pode oferecer. Assim como afirma Cintra (2002), a dança atua como estimuladora de reações corporais, trazendo a percepção espacial, facilitando também a percepção do próprio corpo a partir dos movimentos realizados pelo indivíduo. Essas experiências levam a criança e o adolescente a perceber e explorar o espaço e seu próprio corpo.

A inclusão perpassa o lugar onde o sujeito sinta que pode participar de qualquer proposta que deseje da maneira que for possível e cabe ao professor fazer disso algo possível, ou seja, fazer com que suas propostas abarquem sempre a todos. Muito além de adaptações por vezes necessárias, é importante que o aluno com deficiência possa perceber e sentir que faz parte daquele grupo, da sociedade e que existem inúmeras possibilidades de se fazer dança.

Ao longo da pesquisa, por meio de leituras e orientação, a problematização do termo “inclusão” (1999) se tornou necessária. O termo foi utilizado neste trabalho devido ao fato de ser uma nomenclatura atual para o assunto em pauta, onde tratamos da acessibilidade e necessidades das pessoas com deficiência.

No entanto, algumas reflexões se mostram importantes: o significado etimológico do termo vem do Latim, do verbo “includere” que significa: “colocar algo ou alguém dentro de outro espaço”, “entrar num lugar até então fechado”.

Assim, a inclusão muitas vezes é entendida como um processo tendencioso, onde aqueles que são considerados "normais" ou "inclusivos" estão concedendo acesso às pessoas com deficiência. Esse modo de pensar, cria um padrão de

hierarquia e poder, onde a inclusão é vista como algo beneficente ou caridoso, em vez de um direito fundamental. Sabemos que durante muito tempo, os direitos das pessoas com deficiência não existiam e esse lugar de pertencimento por parte das mesmas foi e vem sendo conquistado. Desta forma, aquele modo de pensar fundado nesta hierarquia pode reforçar alguns métodos de desigualdade e deixar que privilégios aconteçam na sociedade.

Sendo assim, a inclusão pode acabar segregando o indivíduo, uma vez que ao adentrar em um espaço, o mesmo se torna a diferença e diversidade do local. Desta forma, a pessoa carrega consigo uma espécie de “denominador da diferença”, o que acaba por distingui-la das outras pessoas, fazendo com que haja uma exposição ao indivíduo, assim como afirma Viana (2018):

Em certos momentos vejo o uso daquele termo de forma colonialista, como se “uns” soubessem o que seria melhor para os “outros”, como se “uns” fossem os únicos detentores de territórios, de saberes. Por mais que um espaço não seja acessível, isso não significa, ao meu ver, que ele não pertença àqueles que não conseguem dele usufruir. (VIANA, 2018, p.81)

Mudanças ocorrem o tempo todo e juntamente a elas, as nomenclaturas vão se adaptando para melhor atender a ideia a se passar. O termo “inclusão” substitui a “integração” e futuramente talvez outro termo que substituirá o atual, pois não existe incluir quem já faz parte de uma sociedade.

Com isso, o presente trabalho ressalta os direitos, possibilidades e experiências que devem ser levadas em consideração quando tratamos da deficiência e como a dança possui potencialidade para que essas pautas aconteçam, para que mais pessoas entendam que seus corpos são capazes de fazer dança, de fazer arte. Acredito que a grandeza de um movimento está em seu significado pessoal, nas sensações, nos aprendizados e nas possibilidades que é capaz de proporcionar para quem o realiza. A riqueza da dança está justamente na diferença e no entendimento de que todo corpo é capaz de se expressar.

Observar e fazer parte de oficinas e aulas onde o contato misto acontece é o maior aprendizado que poderia ter através da arte. Fazer parte de vivências onde a dança possibilita tantas coisas ao indivíduo me proporcionou a reflexão sobre sua potência em relação a esses corpos e sua relação com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Márcia. Entre Histórias e Mediações: um Caminho para Acessibilidade Estética em Espaços Culturais. **Psicologia: Ciência e Profissão** Jul/Set. 2018 v. 38 n°3, 584-594. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000042018>

ALVES, T. A. **A dança que nos revela a pluralidade de ser quem somos**. Programa Continuum de Formação Continuada para Professores da Educação Básica. Curso Dança e Pluralidade Cultural. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2011.

ANDRADE, Graziela Correa de. Entrevista concedida à Luana Marinho Campos: **Dança e Inclusão na Escola Casa Viva**. Belo Horizonte, MG. 10 de Janeiro de 2023.

APAE ES – **Atendimento Educacional Especializado complementa escola regular**. Fevereiro, 2019. Disponível em: <https://www.apaees.org.br/noticias/detalhe/atendimento-educacional-especializado-complementa-escola-regular>

BERNARDES, Janaína Antônia Ponciano; OLIVÉRIO, Lucia Oliveira. Uma breve história do ensino de arte no Brasil. **Educação, Batatais**, v. 1, n. 1, p. 25-36, jan./dez. 2011

BEZERRA, Juliana. História da Dança. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-danca/>. Acesso em: 6 mar. 2023

BORGES, Adriana Araújo Pereira; MARIZ, Luciana; ROCHA, Terezinha Cristina. O Histórico Conceitual e as Mudanças de Paradigmas em Relação à Deficiência. **Revista Educação Especial**, v. 23, n. 38, em jul./dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA/ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL- MEC; SEESP**, 2001

CAMPOS, Camila Amorim; SOUZA, Marília Rodrigues Alves de; SILVA, Daniel Jacinto da. Dicionário Científico Ilustrado: Aprendendo mais sobre Ciência no GTD.

Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 1 - Edição extra, p.1-282, maio/2020

COSTA, Robson Xavier da. A Socialização do Portador de Deficiência Mental através da Arte. In: **Revista Integração**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial, ano 12, edição especial, pp. 16-19, 2000.

ESCOLA, Equipe Brasil. "A qualidade da educação brasileira"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-qualidade-educacao-brasileira.htm>

EDUCA MAIS BRASIL. **História da Dança no Brasil**, Artes. Novembro 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/historia-da-danca-no-brasil>

FORGIARINI, Roberta Rossarolla. A produção da autonomia no sujeito deficiente: contribuições da escola inclusiva. Rio Grande do Sul: **Revista Educação por Escrito - PUCRS**, v.3, n.2, dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/11241>> Acesso em 29, abril 2023.

FREIRE, Ida Mara; BIANCHETTI, Lucídio. **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**; Editora: Papyrus Editora. 10 de mai. de 2017.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**; Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**; 1987. Editora Paz e Terra; Rio de Janeiro, Brasil.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**"; Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, Brasil. 1996. p. 61

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert; Data da Digitalização: 2004; Data Publicação Original: 1891.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Copyright. Grupo Ânima Educação. 2014

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Participação em Foco: Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência**. Brasília: Ipea, 2010.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. **Educação Especial no Brasil: Desigualdades e Desafios no Reconhecimento da Diversidade**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 833-849, jul.-set. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

LEITE, Ligia Costa; LEITE, Maria Esther Delgado. **Escola e convívio social. Da Clínica à Reabilitação Psicossocial - Manual de Saúde Mental de crianças e Adolescentes**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria. Disponível em: <https://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/03/cadernos-ipub1-parte3ligiaeeste>

LIMA, Patrícia R. F.; PINTO, Nilson V.; MARTINS, Raul A. **Inclusão no Ensino da Dança na Escola**. 2019. p.6. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1564>>.

MACEDO, Beatriz Aguiar de; ARAGÃO, Gislei Frota . **Transtorno do espectro autista [livro eletrônico]: concepção atual e multidisciplinar na saúde / organização Gislei Frota Aragão**. — Campina Grande : Editora Amplla, 2022. Capítulo XVI: O PAPEL DOS NEUROTRANSMISSORES NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. Disponível em: <http://ampllaeditora.com.br/books/2022/07/TranstornoEspectroAutista.pdf>

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. **Transdisciplinaridade, Afetividade e Sensibilidade: Contribuições para a Formação Docente**. II SEAT – Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade UFG / IESA / NUPEAT - Goiânia, maio de 2011.

Manifesto Casa Viva – **Casa Viva, Educação e Cultura**. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://institutocasaviva.com.br/>

MARQUES, Isabel. Dançando na Escola. **MOTRIZ** - Volume 3, Número 1, Junho/1997

MEIER, Juline Kuhn; KAUFMANN, Lisete Hahn. **Os benefícios da dança para o desenvolvimento do ser humano**. 2015. Anais do 6º Seminário de Iniciação à pesquisa da FAI Faculdades. Disponível em: <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES18.pdf>.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, Afeto e Educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Editora Mediação; Porto Alegre; 2010. p.12

Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão – Universidade Federal de Ouro Preto.
Monitoria Inclusiva. Disponível em:
https://nei.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=173&Itemid=416

NOLASCO, Liziane; ARRIADA, Eduardo. História da Arte no Período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). **Revista Seminário de História da Arte** ISSN 2237-1923 VOLUME 01, Nº 08, 2019

OLIVEIRA, Maria Helena de; LIMA, Francisco Renato. A Educação Especial no Contexto da Sociedade Inclusiva: Construindo Sentidos Sobre a Aprendizagem de Crianças com Deficiências. **Cadernos Cajuína**, V.1, N.2, 2016, p. 59 - 70.

RODRIGUES, S. M. Educação Inclusiva e Formação Docente. **Instituto Rodrigo Mendes e DIVERSA**. Junho, 2012. Disponível em:
<https://diversa.org.br/artigos/educacao-inclusiva-e-formacao-docente/>

SANTOS, R.C.; FIGUEIREDO, V.M.C. **Dança e Inclusão no Contexto Escolar, Um Diálogo Possível**. Pensar a Prática 6: 107-116, Jul./Jun. 2002-2003.

SILVA, E. R. **Dança e pós modernidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SILVA, Marcus Vinícius Nascimento; PITA, Andrea Carla de Miranda; FALEIRO, Laise Noleto; GALDINO, Marcelo; OLIVEIRA, Rafaella; RODRIGUES, Renato Gonçalves; SOUZA, Suzianny Barbosa dos Santos; PAIVA, Warla Gianly; LIMA, Marline Dorneles de. **DANÇANDO NA UNIVERSIDADE: CORPOS QUE DANÇAM NA CONTEMPORANEIDADE**. IV Congresso Centro- Oeste de Ciências do Esporte; I Congresso Distrital de Ciências do Esporte. 22 a 25 de Setembro de 2010. Brasília,DF.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Inclusão ou Integração?** 2022. Disponível em:
<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-inclusao/inclusao-ou-integracao#:~:text=Existe%20uma%20diferen%C3%A7a%20b%C3%A1sica%20entre,uma%20outra%20concep%C3%A7%C3%A3o%20da%20defici%C3%Aancia>.

UNESCO, **Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 7-10, Espanha, Junho, 1994.

VIANNA, Anamaria Fernandes; RAHME, Mônica Maria Farid. **Uma Experiência Formativa no Contexto Universitário: O Projeto Arte e Diferença**. Periferia, v. 14, n. 2, p. 41-61, maio/ago. 2019

VIANNA, Anamaria Fernandes. **Olhos Meus**. Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 8, n. 2 [15], p. 72-88, jul./dez.. 2018.

VIANNA, Klauss.; CARVALHO, M. A. de. **A Dança**. São Paulo: Summus Editorial, 3ª ed., 2005.

YOSHIDA, Soraia. Desafios na Inclusão dos Alunos com Deficiência na Escola Pública. Publicado em: **GESTÃO ESCOLAR** 29 de Março | 2018.

ENTREVISTA- Professora de Dança na Escola Casa Viva: Graziela Correa de Andrade

Luana: Como você acha que a dança pode se tornar uma potencialidade para a inclusão?

Graziela: Eu acho que a dança é um meio de relação com o espaço, com o outro. E ela é um saber em si. Quando a gente pensa na forma como a dança pode elaborar um conhecimento do próprio sujeito, a partir dele mesmo, a partir da experiência e num universo escolar que muitas vezes está pautado por uma objetividade, por um volume grande de conteúdo, em que o corpo muitas vezes fica enquadrado, esquecido, sentado (um pouco menos na infância, mas especialmente falando desse público adolescente, que o corpo fica muito adormecido e esquecido no processo de aprendizado. E o processo de aprendizado humano, vem do movimento, a gente começa aprendendo pelo movimento. Quando você observa um bebê, ele começa a se relacionar com ele mesmo, com tons dele, começa a descobrir que ele é capaz de levantar o pescoço, levantar as perninhas, que ele é capaz de girar, brincando com o próprio corpo, então o corpo é o primeiro brinquedo da criança. E essa relação vai se expandindo para o espaço. Ele vê o brinquedo, quer pegar o brinquedo, ele vai começar a tentar se deslocar e esse é o primeiro conhecimento que a gente tem, o primeiro conhecimento que a gente adquire no mundo. E a gente vai crescendo e perdendo esse tipo de experiência que é talvez a experiência mais rica que a gente pode ter de modos de conhecer o mundo. Então eu acho que a grande potência da dança, está em chamar o sujeito, chamar o corpo para o universo da escola, apontar como aquilo lhe diz respeito, como ele pode se apropriar desse conhecimento, desse corpo e criar cidadãos mais críticos em relação ao espaço de pertencimento. Então, acho que a maior contribuição da dança é na formação do sujeito e no entendimento político do corpo, que é fundamental e que muitas vezes é abandonado, esquecido, deixado de lado, em relação ao conteúdo que a gente entende como as disciplinas que precisamos aprender. A dança apreende, a gente não aprende, a gente apreende o mundo e constrói o mundo a partir do nosso olhar, da nossa vivência, da nossa maneira. Então, a dança tem muito a contribuir no universo escolar, especialmente na relação entre os estudantes e essa posição crítica de sujeito no mundo. Para mim, essa é a grande potencialidade da dança: Investir o corpo.

Luana: Passando um pouco para a escola Casa Viva, que foi onde você iniciou o projeto, gostaria de saber quais eram seus objetivos iniciais com as aulas e se esses objetivos foram mudando ao longo do tempo.

Graziela: Eu não cheguei com um objetivo delineado. A minha intenção na disciplina era trabalhar a consciência corporal e a relação espacial, especialmente. Era o que eu tinha não como objetivo, mas como foco, como direcionamento, por que eu não gosto de traçar um plano de aula sem conhecer a turma, sem saber dos desejos. A Casa Viva é uma escola que é referência em inclusão e é uma escola que tem uma pedagogia muito focada no aluno, na individualidade do aluno. Eles fazem um trabalho muito primoroso de construção da relação entre a escola e as famílias e eu sabia que isso era muito importante para eles e isso era muito importante para mim. Eu fiquei surpreendida, na verdade, quando recebi os alunos, porque quase todos, senão todos, eram alunos com algum tipo de deficiência. Eles escolheram a dança, porque era uma disciplina eletiva e eles tiveram todo um processo de votação e escolha e eles tinham outras opções e foram para a dança. Primeiro eu me surpreendi com essa turma, achei que seria desafiadora, porque eu não tinha experiência nessas relações. Eu digo isso, porque assim, a minha geração fez parte de uma educação muito diferente do que a gente vê agora, não tivemos oportunidade de nos relacionar com pessoas com deficiência na escola. Na minha infância, na minha adolescência, na minha escola não existia nenhuma pessoa com deficiência, então essas pessoas iam para escolas especializadas e não participavam do ato social, do cotidiano, a gente não via essas pessoas, nem na escola e nem nas ruas. E eu acho que eu nunca aprendi a lidar com essa diferença, pois era afastado da minha realidade e como a gente vive num país muito excludente, os meios que talvez pudessem favorecer isso para mim, não fazia, a gente não encontrava essas pessoas. Então era um não saber lidar, não saber me aproximar, não saber me referir, não saber falar sobre, não entender absolutamente nada sobre esse universo e que a minha filha mais velha está tendo a chance de aprender muito com isso, porque em todas as escolas que ela estuda e estudou existiam crianças com deficiência e ela me ensina muita coisa. E depois veio minha filha mais nova, que tem paralisia cerebral e esse universo chutou a minha porta mesmo e entrou na minha vida. E aí eu me joguei nesse lugar de descoberta, então para mim foi um presente para essa turma, eu me senti desafiada, mas ao

mesmo tempo muito feliz com esse encontro que aconteceu de um modo espontâneo. E não, eu tinha algumas questões foram aparecendo durante as aulas, então, por exemplo, eu vi que eles tinham uma dificuldade muito grande de ir para o chão e se manter no chão, parar e observar o corpo, que era o trabalho de consciência que eu queria fazer e ficar quieto era uma dificuldade para eles. Eu até conversei com Anamaria sobre isso e ela me deu a dica dos objetos, que eu comecei a usar. Não era dizer "vamos para o chão", era dizer "olha esse tecido que está aqui, será que a gente pode deitar nele? Será que a gente pode se enrolar? E se eu tiver nele, alguém pode me puxar? Olha essa fita crepe que eu coleí aqui, será que sua coluna pode ficar alinhada com essa fita?"

Então eu fui tendo a chance de fazer essa descoberta com eles. Foi um período curto, mas eu fui percebendo coisas que funcionaram bem. Toda aula é assim, tem aulas muito boas e tem aulas que não funcionam e não foi diferente com eles, mas eu fui descobrindo também. Alguns eu alcancei, outros não tiveram tanto interesse e isso para o professor também é importante, saber lidar com isso, pois às vezes a gente personaliza muito a questão "ah, ele não gostou da minha aula, não gostou de mim". E isso é uma grande bobagem, a gente não vai nunca satisfazer todo mundo. E a questão do interesse ou não, não passa necessariamente por você. A pessoa pode não estar interessada em aula de dança ou estar interessada em outro tipo de aula de dança, como é o caso de uma das alunas, que já faz aula no Grupo Corpo, era uma aluna que já tinha um conhecimento técnico e quando eu fazia uma proposta mais livre, ela voltada para a técnica e tinha muita dificuldade em sair da técnica, então aquela aula deixou de ser interessante para ela e tudo bem, é a escolha que ela pode fazer e a gente respeita. Então é isso, eu tinha direcionamento e não objetivos, e sim, a cada aula eu não chegava com nada muito pronto, só com uma ideia. Pois eu iria escutar a demanda deles, o corpo deles e como eles estavam naquele dia, porque tinham dias que estavam super desanimados e dias que estavam super animados e tentar construir, a gente tem que ter um repertório na manga para ir elaborando junto com eles, mas para mim é o jeito que melhor funcionou a aula.

Luana: Igual a Anamaria fala: Não adianta chegar lá com uma coisa toda pronta, porque tudo pode mudar e temos que saber adaptar na hora.

Graziela: Você tem que ter alguma estrutura né? A gente cria um plano de aula e tal. Igual a isso, eu tinha objetivo de trabalhar o corpo e relação com espaço, então meu foco era esse, mas o modo de chegar a isso, cada dia era de um jeito e tem que ter uma escuta muito afinada. Isso é algo que estou construindo, às vezes acertei e às vezes errei, mas a gente só adquire isso com a experiência mesmo.

Luana: Ao longo dessas aulas, você percebeu alguma mudança em relação ao comportamento dos estudantes? Se sim, quais foram elas? E você acredita que essa mudança tem relação com a dança?

Graziela: Aos poucos eles foram ficando mais à vontade comigo, que era uma pessoa que eles não conheciam, então no começo tinha uma professora responsável, que acompanhava a aula e a gente tinha um aluno que tinha uma monitora para acompanhar, que era um menino com TEA. E depois essa professora parou de frequentar, mas ela explicou um pouco da característica de cada um. Então tinham alunos que se cansavam muito rápido, iam para um canto e pegavam o celular, daí ela falava que não era hora e pedia para voltar para a turma. Ela foi me explicando que isso era uma característica deles e não era em relação à aula de dança, acontecia também em outras aulas. Tinha outras meninas que eram muito carinhosas, gostavam de abraçar, ficar perto e às vezes não queria muito fazer a aula, então eu já sabia que essa aproximação, esse carinho e esse afeto podia trazer elas de volta. Então eu fui aprendendo e conhecendo a turma e aí a relação se foi construindo. Existiam alguns mais resistentes, daí eu ia lá, pegava a mão, ia junto, outros saíam toda hora e tinham que ser incentivados e quando faziam era surpreendente. E realmente, teve uma coisa interessante que eu descobri que eles chegam para uma aula de dança com alguma expectativa de dança que talvez eu frustrasse, porque não é o tipo de dança que conhecem e que desejam, mas como eu podia inserir esse desejo deles nas aulas, por que desejo é ponto de partida para que algo aconteça. Daí eu sabia do interesse deles por danças do Tik Tok e pedia para mostrarem o que sabiam e eles mostravam e juntos íamos desconstruindo. "Será que dá para fazer de outra maneira? Vamos pegar um trecho seu e de outra pessoa." Foi uma dinâmica que eu fiz e que geramos uma sequência coreográfica, com trechos que cada um trouxe. Eles ficaram muito empenhados e depois eu pude trabalhar a relação do espaço dentro disso. Foi mudando sim. Teve um dia que eu fiquei emocionada, porque a monitoria

de um dos estudantes precisou sair e ele sempre fica com ela. E ela saiu muito rápido e nesse minuto que ela saiu, ele me pegou pela mão e saiu andando comigo e eu achei maravilhoso, porque alguma transferência tinha acontecido ali. Na ausência da monitora, a professora podia ser esse alguém, mas eu era uma nova professor, então foi um momento de entrega, de confiança. "Eu posso estar com essa pessoa que eu vou estar seguro". Depois eu consegui desenvolver algumas coisas com ele de toque, que foram bem interessantes. Foi uma riqueza essa turma. Mas era isso, eu estava aberta, se eu insistisse em um único formato, de aprender o que eu trouxe, a gente ia chocar, porque não ia dar certo de forma alguma.

Luana: Pensando nessa dança dentro da escola, quais são os benefícios que você acredita que a dança pode trazer para as pessoas com deficiência?

Graziela: Eu acho difícil responder quais os benefícios, porque são experiências diferentes, corpos diferentes e pessoas completamente diferentes. As pessoas com as quais eu lidei, eram pessoas que disponibilizaram o corpo para a dança e aí a gente tem uma entrada. Não era uma disciplina obrigatória, que todo mundo precisava fazer, porque às vezes as pessoas ficam mais constrangidas, envergonhadas, não querem fazer. Os benefícios que pode trazer esbarra na relação interpessoal, relação de conhecimento com o próprio corpo. Teve um menino que logo no primeiro dia ele falou "olha, vou logo avisando que eu sou muito bom" ele já tinha feito aula de dança, ele dança um hip-hop. E aí um dia a gente tava trabalhando os verbos e aí o verbo dele era empurrar e ele não sabia como desenvolver, aí falei "você já parou para pensar o que você faz quando tá caminhando?" E aí ele começou a caminhar e percebeu que quando anda, empurra o chão, daí ele falou "nossa, mas eu tenho tantos anos de dança e nunca pensei nisso". Então essa descoberta foi dele né? Eu acho que no caso dele, que é um adolescente que tinha um aspecto de hipertonia, os músculos mais rígidos, eu comecei a trabalhar muito chão, a forma de trabalhar articulações, como ele podia construir uma nova qualidade de corpo e acessar isso. E eu acho que isso é uma riqueza muito grande, de te deslocar de um lugar que você já está e que você se constituiu nesse lugar enquanto corpo, você apresentar outras possibilidades. Eu acho que a dança apresenta uma abertura do ponto de vista de mundos, de formas de olhar o mundo, como você vai estar no espaço. Tem uma turma minha que andou de olhos fechados no parque, num lugar que já conheciam e o ato de fechar os olhos

gerava maior sensibilização dos outros sentidos, então eles perceberam texturas, o vento, o cheiro, a temperatura e tudo isso se reverberou no corpo dança que se construiu, então para o adolescente com deficiência, isso é uma descoberta da potência do corpo. Por que tinham estudantes com pequenas limitações físicas, mas no geral eram questões mais ligadas à cognição. E fazer o uso do corpo para se descobrir e descobrir o seu próprio fazer, que é o tipo de dança que a gente acredita e que funciona para a escola, que contribui para a Constituição do ser, é riquíssimo. Seja para a pessoa com deficiência ou não, para qualquer pessoa que se disponibilize a experimentar a dança. E aí tem uma coisa muito legal, pelo menos nessa turma, que era uma disponibilidade para experiência, sem muito filtro social, de ter que fazer uma dança bonita, de ter que ter a perna mais alta ou de "ter que...", tinha um corpo experimentando um movimento e eu acho que essa é a maior riqueza e contribuição que a gente pode dar nas escolas. Porque a gente constitui um sujeito mais potente, mais forte e mais sabedor de si mesmo, o que é fundamental para a vida.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf

